



ACESSE:

[www.jornaldeletras.com.br](http://www.jornaldeletras.com.br)



## Nos 120 anos de Afonso Arinos: obra coletiva revisita o legado de um intelectual plural

Organizado pelo historiador Arno Wehling e pelo jornalista Rogério Faria Tavares, o livro *Nos 120 Anos de Afonso Arinos de Melo Franco* prenunciou seu sucesso absoluto no lançamento, realizado na Academia Brasileira de Letras. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)

Foto: Michael Félix

Sempre é tempo de lembrar o valor literário de Afonso Arinos de Melo Franco. Sua obra merece o nosso respeito. Temos a lembrança do seu discurso de despedida como professor catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Foi uma oração inesquecível, aplaudida por um auditório completamente lotado. Era a manifestação de um mestre, de um especialista na ciência do Direito, que se tornou notável. Aí estão as razões da sua presença na capa desta edição.

**O Editor**



Na cerimônia de posse de Milton Hatoum, na ABL, o escritor amazonense entre Ruth Niskier e a esposa, também Ruth.

**Expediente**

**Diretor responsável:** Arnaldo Niskier  
**Editora-adjunta:** Beth Almeida  
**Colaboradora:** Manoela Ferrari

**Secretária executiva:** Andréia N. Ghelman  
**Redação:** R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: [institutoantares.info@gmail.com](mailto:institutoantares.info@gmail.com)

**Distribuidores:** Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

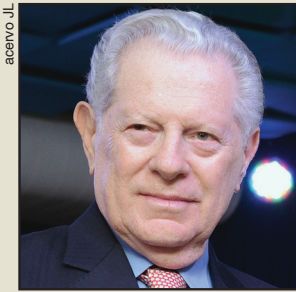
**Correspondentes:** António Valdemar (Lisboa).

**Programação Visual:** CLS Programação Visual Ltda.

**Fotolitos e impressão:** Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

**Versão digital:** [www.jornaldeletras.com.br](http://www.jornaldeletras.com.br)

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.



**Tratamento na área da medicinal**

A inteligência artificial é uma das maiores promessas na área da Medicina, especialmente contra o câncer. Vai atuar em várias frentes. Sua ação fará a diferença. Na docu-

mentação, a IA poderá fazer a diferença não só do médico, mas também de enfermeiro, do nutricionista e de outros profissionais da saúde. Poderá ajudar no diagnóstico, especialmente na radiologia e na patologia, e no desenvolvimento de novos tratamentos. Assim será possível resolver bem sobre novas terapias de maneira muito mais rápida.

Até que um produto chegue ao consumidor, ele poderá demorar de 15 a 20 anos, mas com o uso da IA ele pode chegar a cinco anos, no máximo. Se estivermos falando em câncer, esse prazo pode chegar até a menos tempo, com o avanço da medicina personalizada.

Esse estudo incorpora o uso da eletricidade para o uso de tumores minimamente invasivos. Devemos considerar também a utilização da robótica nesse processo, e com muito sucesso. Há um crescimento muito grande de cirurgia robótica.

O mundo editorial está em alerta. O romance de terror *Shy Girl* teria sido escrito com a ajuda da inteligência artificial. Conquistou imediatamente os leitores. A autora do livro nega que tenha sido escrito por um artifício e, moradora da Califórnia, negou ter feito esse uso. O porta-voz da Hachette nega também o uso, “pois nossa firma valoriza a criatividade”.

Primeiro romance comercial de uma grande editora que sofre esse tipo de acusação. Esse fato mostra como o mundo editorial está despreparado para enfrentar o desafio. Isso só constata como ainda há muitas dúvidas no meio dessa caminhada.

Alguns autores afirmam que estamos no meio disso. Ainda não temos como considerar o número dos livros que estão sendo gerados utilizando as novas tecnologias. E esse processo ainda vai longe.

O jornal *Folha de São Paulo* tem feito inserções de IA em algumas crônicas, para testar o produto. O texto vai ao ar com erros de português e uma língua descuidada. Partimos do princípio de que as ferramentas têm regras e elas devem ser observadas. O próprio jornal afirma que muita água ainda vai passar sob a ponte. Devemos observar esse movimento.

“Três elementos são capazes de fazer feliz a uma pessoa: DEUS, um amigo e um livro.”

Lacordaire

# As formas de um segredo

Por João Almino\*

*Dança de Enganos*, que encerra a trilogia *O Lugar Mais Sombrio*, é um romance em que memória, política e drama familiar se entrelaçam.

Numa conferência intitulada *Literatura & memória, notas sobre Relato de um certo Oriente*, proferida na PUC-SP em 1996, em que discorreu sobre o processo de elaboração de seu primeiro romance, de 1989, Milton Hatoum começou com uma referência a uma invasão brutal do campus daquela universidade pela polícia em 1977, como reação a um ato de protesto contra a ditadura militar, do qual participava.

Na continuação de sua conferência, leio as seguintes palavras que, a meu ver, elucidam a elaboração da trilogia *O Lugar Mais Sombrio*, que se encerra com o romance *Dança de Enganos*:

*Durante o meu primeiro ano na Europa (primeiro em Madri, depois em Barcelona) [1979], fiz vários esboços de um romance político. Queria aproveitar a experiência que tivera como estudante secundarista em Brasília, no biênio do terror 68-69, e depois aqui em São Paulo, onde na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP ajudei a fundar uma revistinha de poesia e desenho: POETAÇÃO. Mas à medida que escrevia e rejeitava o que escrevia, percebi que alguma coisa não dava certo. Percebi que o meu texto nada mais era do que uma crônica dos acontecimentos recentes. Tudo o que eu escrevia ainda estava no tempo, quero dizer no tempo quase-presente, como se o texto fosse uma reportagem sobre eventos ainda vivos, talvez vivos demais na minha memória... Não conseguia imprimir no texto o poder de fingir, que é o mais inofensivo dos poderes, mas que numa obra de ficção me parece fundamental. Esse poder de fingir... tem a ver com muitas coisas: a relação do tempo do discurso com o tempo da história, a construção das personagens, a organização do enredo com seus saltos temporais, digressões etc.*

O texto é revelador, em primeiro lugar, do procedimento que tem marcado toda a obra de Hatoum: uma escrita sem pressa, publicada somente após encontrar a forma que lhe pareça exata para retratar dramas pessoais ou sociais.

Era preciso dar tempo ao tempo para encontrar a forma e o momento histórico de desenterrar o passado pela memória, retratar seus “militares terroristas” e lembrar que “o futuro é um devaneio da nossa esperança”; que homens da morte “ainda [es]tão vivos por toda parte”, expressões presentes em *Dança de Enganos*.

O tempo da memória vai sobretudo de janeiro de 1968 a 1973 – o período de terror –, mas se estende a julho de 1981, quando se vê um menino espancado por policiais, e acende alertas para nossos dias: “na América Latina e no mundo todo esses monstros fascistas agonizam, mas não morrem. E o que é pior: voltam com força.” Não por acaso, existe uma referência ao ano de 1933 na Alemanha.

Passaram-se 38 anos para que a experiência que Milton Hatoum tivera como estudante secundarista em Brasília, no biênio do terror 1968-1969, fosse apropriada por um texto de ficção. O fingimento e a realidade crua se fundiram com a qualidade requerida pela alta literatura. Surgiu um personagem capaz de rememorar sua experiência dos tempos sombrios, Martim, protagonista e narrador de *A Noite da Espera*, romance de 2017 e primeiro da trilogia.

A experiência de São Paulo, também mencionada naquela conferência, vai ser levada por Martim para *Pontos de Fuga*, o Livro II da trilogia, publicado em 2019.

Agora, quase seis anos depois, sai *Dança de Enganos*, narrado pela mãe de Martim, Lina, que rememora seu passado enquanto lê as memórias do filho.

O pano de fundo político que esteve presente em outros romances do autor agora vem ao primeiro plano, porém com o distanciamento que julgava necessário e a extraordinária elaboração literária – tanto na linguagem quanto nas escolhas feitas para o conteúdo – que caracteriza toda a sua obra.

Os elementos fundamentais da obra de ficção lembrados por

Hatoum naquela citada conferência estão elaborados com primor: a relação entre o tempo do drama íntimo e o do país, a construção de personagens verossímeis e complexos, a criação de enredos que se entrelaçam dentro de uma rigorosa arquitetura, em que não faltam saltos temporais nem descrições e reflexões que, à margem das histórias, se detêm sobre ambientes ricos de significado.

O primeiro esboço, diz o escritor naquela mesma conferência, data da época em que se encontrava entre Madri e Barcelona, ou seja, os anos de 1979 e 1980. A política percorreu sua ficção posterior a *Relato de um Certo Oriente*, lado a lado com os dramas de família, em diferentes intensidades, de maneira mais evidente no terceiro romance, *Cinzas do Norte*, de 2005. Este livro colocou o autoritarismo como um tema central, por meio de um personagem repressor do filho e ligado à ditadura, da perseguição política do jovem e de seu exílio forçado.

## O exílio

O ponto final de *Dança de Enganos* e, portanto, da trilogia é uma referência ao exílio, cujo mapa está delineado ao longo do livro – do exílio no próprio país e em cidades estrangeiras até aquele que separa e corre o risco de separar para sempre os dois personagens centrais do drama familiar da trilogia, Martim e sua mãe Lina.

O simbolismo que rege a trama central da relação entre Lina e seu filho Martim – o ausente sempre presente por meio da memória dela e das memórias por ele escritas – se exprime mais na brutalidade da política do que na desventura dos dois, marcada pela culpa.

Martim, fruto da “dança de enganos”, sofreu a repressão do pai. Numa espécie de introdução da trama, a narradora, Lina, casada com esse fanático da religião e do regime militar, afirma: “Meu pensamento saiu do Salão..., desceu a Serra do Mar..., e de repente regresssei à noite do baile” – o que leva o leitor à “dança de enganos” responsável por aquele casamento e pelo nascimento de Martim.

Milton Hatoum pratica, como ele mesmo diz, uma literatura de vingança – a vingança contra as injustiças de um passado sombrio que teima em estar presente. Há complexidade em todo o espectro da luta contra a ditadura militar, por meio de personagens diversos, do revolucionário combatente ao desertor e aos dedos-duros em suas distintas faces; de protetores benevolentes, que conseguem a soltura e o exílio de um dos potenciais combatentes, a traidores e delatores; dos desaparecidos para sempre aos reaparecidos. Uma personagem que namorou um delator que “usava máscara de revolucionário” é o vértice de um triângulo amoroso do qual Martim participa, numa das atraentes tramas paralelas.

Martim, solitário, alheado segundo os intolerantes, poderia ser considerado covarde por não entrar na guerrilha como um de seus amigos, mas a deserção “nem sempre é um ato covarde”. Ele, preso, foi salvo pela poesia, embora esta fosse considerada por seus carcereiros coisa de comunistas.

Se, pelo viés político, a trilogia dialoga com *Cinzas do Norte*, a narração em primeira pessoa por uma mulher em *Dança de Enganos* retoma, em grau menos lírico, a experiência de *Relato de um Certo Oriente*, cuja narradora principal é uma mulher que rememora o passado.

A memória se destaca entre os muitos eixos que se abrem à interpretação em *Dança de Enganos*. Ela, quem sabe, pode nos salvar. Como dito num bilhete de uma personagem: “...os donos da morte... não podem matar o passado. A memória, pesadelo dos algozes, nos dá ânimo: é a esperança dos sobreviventes...”

*Dança de Enganos* é um romance sobre a memória, até mesmo porque Lina lê as memórias de Martim sobre seus tempos de Brasília, São Paulo e Paris, memórias cuja escrita termina com uma pergunta: “A memória só faz sentido depois do esquecimento?”, o que a leva a outra: “a memória escolhe o que ela esqueceu?”

Quem sabe existam também memórias roubadas: “Será que as cartas e os diários dos amigos de Martim não foram reescritos por ele, ‘ladroão de memórias alheias’?”, pergunta-se Lina.

*Ardilosa* memória. Lembranças lentas, como as que costuram com fina agulha a narrativa, ou lampejos, iluminações, como no seu final, que leva a mãe a libertar-se da prisão da ausência do filho e da imensa culpa que a atormentava. A memória joga luz sobre o rosto de um garoto de 14 anos que só agora ela percebe trazer “as formas de um segredo”.

\*João Almino é membro da Academia Brasileira de Letras.

● **FUNDADA EM 17 DE MAIO DE 1956**, a Academia Campinense de Letras – ACL está completando 70 anos, com sede na região que é considerada a capital intelectual do interior do Estado de São Paulo.

● **COM FOTOS DE DANIEL RAMALHO** e texto de Teresa Montero, *O Rio de Clarice* (Ed. Autêntica) é um guia afetivo que conduz o leitor pelos caminhos que Clarice Lispector costumava percorrer na cidade onde viveu durante 28 de seus 58 anos.

● **O QUE OS PSQUIATRAS NÃO TE CONTAM** (ED. FÓSFORO), de Juliana Belo Diniz, defende que a ciência e a medicina podem se desenvolver a partir de escuta e cuidado.

● **PARA VER UM DRAGÃO** (ED. CAI-CAI), de Carla Kinzo, com ilustrações de Victoria Hattori, nasceu da herança cultural de suas autoras, descendentes de japoneses.

● **DE MENINA A MULHER** (ED. Paidós), da psicanalista Malvine Zalcberg, convida ao mergulho num dos vínculos mais intensos da existência de mãe e filha.

● **SANGUE E RUÍNAS** (ED. COMPANHIA DAS LETRAS), do historiador britânico Richard Overy, é detalhista na descrição de campanhas militares e no uso de estatísticas.

● **A MINHA PESSOA FAVORITA** (ED. CASA DO LOBO), de Klara Terra, valoriza a convivência com os avós e explora temas como saudade e imaginação. As ilustrações são de Cinara Saionara.

● **SUPERMERCADO DE ARTE E OS HERÓIS MARGINAIS** (ED. CHOQUE CULTURAL), de Bento Ribeiro, conta histórias dos movimentos artísticos que nasceram à margem do mercado tradicional de arte.

● **CAQUINHOS VERMELHOS** (ED. FÓSFORO), coletânea de contos do sociólogo paulistano Mário Medeiros, usa a música como gatilho para refletir sobre herança e afetos perdidos.

● **A PÉROLA** (ED. RECORD), de John Steinbeck, Prêmio Pulitzer de ficção em 1940 e Nobel de Literatura em 1962, lida com fatos absurdos, mas paradoxalmente intrínsecos ao cotidiano que vivemos atualmente.

● **A UM PASSO DE VOCÊ** (ED. VERUS) é o novo romance da best-seller americana Jamie McGuire, autora de *Belo Desastre*, considerada uma das criadoras do gênero *new adult*.

● **VENCEDOR DO PRÊMIO JABUTI DE REPORTAGEM**, *O Livro Amarelo do Terminal* (Ed. Fósforo), de Vanessa Barbara, mergulha no cotidiano do Terminal Rodoviário do Tietê (SP).

● **LANTERNA MÁGICA**, AUTOBIOGRAFIA DO CINEASTA sueco Ingmar Bergman, com prefácio de Woody Allen, ganhou tradução de Marion Xavier para a Editora Cosac.

● **ANTOLOGIA MAMELUCA** (ED. CÍRCULO DE POEMAS) reúne parte dos trabalhos que o poeta Sebastião Nunes, nascido em 1938, publicou entre 1968 e 1989.

● **O SÉCULO NÔMADE** (ED. QUINA), de Gaia Vince – primeira mulher a receber o Prêmio de Livro de Ciência do Ano da Royal Society Reino Unido – demonstra que a migração é a solução para a crise que o planeta enfrenta.

● **FEMINISTA, FIGURA DE PROA DA REVOLUÇÃO RUSSA** e primeira mulher a ser ministra de Estado no mundo, Aleksandra Kollontai é objeto da biografia *Kollontai: Desfazer a família, refazer o amor* (Ed. Boitempo), de Olga Bronnikova e Matthieu Renault.

● **AS PROTAGONISTAS DAS 13 HISTÓRIAS DE Cadelas de Aluguel** (Ed. DBA), da mexicana Dahlia de la Cerda, são mulheres marcadas pela violência.

● **ORIGEM** (ED. LIVROS DA RAPOSA VERMELHA), da artista franco-uruguaia Nat Cardoso, apresenta 22 povos originários do mundo todo,

## FORMIGAMENTO FILOSÓFICO II



revelando a natureza que eles habitam.

● **INVOCANDO MEDOS E DESEJOS**, *Coisas Que Não Se Dizem* (Ed. Ayiné), de Antonella Lattanzi, trata de questões que dizem respeito a todos nós.

● **EM AUTOBIOGRAFIA DO ALGODÃO**, CRISTINA RIVERA GARZA mescla ficção, memória, reportagem e ensaio historiográfico, reconstruindo a história de sua família, na fronteira do México com os EUA.

● **VENCEDOR DO BOOKER PRIZE**, o romance *Orbital*, da inglesa Samantha Harvey, narra um dia na vida de seis astronautas em uma estação espacial.

● **MEMÓRIA DE MENINA** RESGATA UMA HISTÓRIA que a Nobel de Literatura Annie Ernaux tentou esquecer por décadas: sua primeira experiência sexual, no verão de 1958.

● **A EDIÇÃO BILÍNGUE DE NOSSA VINGANÇA É O AMOR** traz 150 poemas dos 18 livros de Cristina Peri Rossi, uma das principais autoras de língua espanhola, vencedora do Prêmio Cervantes 2021.

● **ESTREIA NA FICÇÃO DA TRADUTORA** Bruna Dantas Lobato, vencedora do National Book Award, o romance *Horas Azuis* acompanha uma brasileira que vai estudar em Vermont, nos EUA.

● **GAZA ESTÁ EM TODA PARTE**, DE ALEXANDRA LUCAS COELHO,

reúne textos e imagens feitas pela autora portuguesa há seis anos, em sua última ida a Gaza.

● **A ANTOLOGIA EDUCAÇÃO SENTIMENTAL DO VAMPIRO**, organizada por Felipe Hirsch e Caetano Gallindo, iniciou a publicação das obras completas de Dalton Trevisan pela Editora Todavia.

● **NO ENSAIO MEMORIALÍSTICO ANÁLISE**, Vera Iaconelli, uma das psicanalistas mais atuantes no debate público brasileiro, recorda suas próprias angústias, relatando quatro temporadas diferentes no divã.

● **UM DOS MAIORES NOMES DA LITERATURA** em língua francesa, o martinicano Patrick Chamoiseau lançou *Escrever em País Dominado*, onde interroga (e expande) sua formação intelectual e repensa a literatura como um território de resistência.

● **NO MONÓLOGO HEPTOLOGIA**, obra mais ambiciosa do Nobel de Literatura norueguês Jon Fosse, o narrador mistura memórias e reflexões sobre a vida, a morte e Deus.

● **AMBIENTADO NA GUERRA CIVIL DA NIGÉRIA**, *A Estrada para o País*, de Chiozie Obioma, combina mitologia e realismo histórico, reinventando a tradição do romance épico africano.

# Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

## Lâmpada queimada

“Marcela foi trocar a lâmpada fluorescente, mas o tamanho não era o mesmo do bocal.”

Nem poderia trocar nada, escrevendo dessa forma. Ambos vocábulos estão corretos, embora o termo fluorescente esteja mal empregado na frase.

**Florescente** se refere a alguma coisa ou alguém que floresce, que está em próspero desenvolvimento. Pode significar também aquilo que é brilhante, notável, vigoroso. **Florescente** se refere a alguma coisa ou alguém que tem fluorescência, ou seja, a capacidade que alguns objetos têm de emitir luz ao receberem uma radiação luminosa.

Frase correta: “Marcela foi trocar a lâmpada **fluorescente**, mas o tamanho não era o mesmo do bocal.”

## Pequena moto

“Isabela queria uma miniatura da moto de seu avô, ela queria uma motinha.”

Não vai ganhar! O diminutivo de a **moto** é a **motinho**.

Frase correta: “Isabela queria uma miniatura da moto de seu avô, ela queria uma **motinho**.”

## Contando o tempo

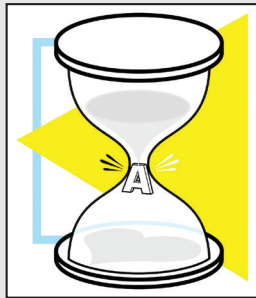
“A cerca de 27 anos Luciana conheceu o marido e, desde então, vive feliz.”

Duvido! Ela está empregando de forma errônea a expressão. O correto, nesse caso, é a expressão **há cerca** de. Veja:

**A cerca de** – espaço aproximado de tempo (que ainda não passou) ou **distância** aproximada.

**Há cerca de** – espaço aproximado de tempo (que já passou) ou **quantidade** aproximada.

Período correto: “**Há cerca de** 27 anos Luciana conheceu o marido e, desde então, vive feliz.”



## Médico juvenil

“Henrique levou seu filho ao médico ebiatra.”

Como? Essa palavra não existe! O correto é **Hebiatria**, o nome do médico especialista em atender jovens e adolescentes (10 a 18 anos).

Frase correta: “Henrique levou seu filho ao médico **hebiatria**.”

# Antissemitismo contemporâneo e violência simbólica

Por Ana Maria Bernardelli\*

## Um ensaio sobre memória, ódio e responsabilidade

Havia velas acesas. Não como metáfora literária, mas como gesto antigo: pequenas chamas dispostas contra a noite, insistindo em permanecer. O atentado ocorrido em Sydney durante uma celebração de Hanukkah não pode ser lido apenas como um episódio de violência extrema, circunscrito a um tempo e a um lugar específicos. Ele se apresenta como sinal perturbador da permanência histórica do antissemitismo enquanto estrutura simbólica ativa, capaz de atravessar séculos e adaptar-se continuamente às linguagens do presente.

Longe de constituir um desvio isolado, o ataque insere-se em uma longa cadeia de acontecimentos que revelam como o ódio ao judeu opera como lógica recorrente de exclusão. O antissemitismo não funciona como simples preconceito individual ou falha moral pontual. Trata-se, antes, de uma racionalidade do ódio: um mecanismo coletivo que organiza frustrações sociais e crises identitárias por meio da eleição reiterada de um inimigo histórico. Hannah Arendt já advertia que o antissemitismo moderno não é um resíduo medieval, mas produto da fragilização das estruturas políticas e do espaço público.

A história judaica, marcada pela diáspora, pela perseguição e pela resistência, construiu-se sob o signo da memória. Não se trata de uma memória

## Xingamento

“Ana Lúcia chamou a colega de faculdade de mocréia, mas ela nem ligou.”

Nem poderia se incomodar. De acordo com o Novo Acordo Ortográfico de Unificação da Língua Portuguesa, não se usa mais acento em ditongos abertos éi e ói, nas palavras paroxítonas.

Frase correta: “Ana Lúcia chamou a colega de faculdade de **mocreia**, mas ela nem ligou.”

## Curiosidade

Você sabe o que são **palíndromos**?

São palavras ou frases que podem ser lidas da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. Ex.: radar, luz azul, ame o poema, amor a Roma, a droga da gorda, o galo no lago etc.

## Divergência

“A opinião dos advogados de defesa do réu deferiu sobre o encaminhamento do processo criminal.”

Seria natural e chegariam a um consenso se o verbo usado fosse correto. O verbo “deferir” não é o adequado. Observe:

**deferir** – atender a algo que é requerido ou pedido

**diferir** – divergir

Frase correta: “A opinião dos advogados de defesa do réu **diferiu** sobre o encaminhamento do processo criminal.”

## Imprevisibilidade

As obras de prevenção a acidentes contra os temporais nas regiões litorâneas foram suspensas **sine die**. Muito triste, mas a prioridade foi dada à construção de novas casas. A expressão latina **sine die** é comum, isto é, já faz parte do nosso linguajar e quer dizer: sem dia marcado para recomeçar.



## Problema dermatológico

“A eczema do rosto da jovem não melhorou depois do uso da pomada que sua tia recomendou.”

Não há remédio que cure “a eczema”. Esta palavra é masculina: **o eczema**.

Período correto: “**O** eczema do rosto da jovem não melhorou depois do uso da pomada que sua tia recomendou.”

## Faltosos

“Uma e outra aluna erraram o trabalho passado pelo professor.”

Se não fosse o problema do erro, estaria tudo certo. A expressão **uma e outra** admite o verbo no plural, o que é mais usual, mas no singular também está certo. Observe no singular: “**Uma e outra aluna errou** o trabalho passado pelo professor.”

passiva ou meramente comemorativa, mas de uma memória ética. Há aqueles que afirmam que os judeus têm o dever de continuar existindo enquanto judeus, para não conceder ao nazismo uma vitória simbólica póstuma. Cada ataque contemporâneo, portanto, não fere apenas indivíduos, mas tenta romper uma continuidade histórica sustentada pela transmissão cultural.

O fato de a violência ter ocorrido durante Hanukkah – festa da luz e da resistência – intensifica a perversidade simbólica do atentado. Quando o sagrado se torna alvo, não se atinge apenas uma comunidade específica, mas a própria ideia de convivência plural. Elie Wiesel lembrava que o maior risco moral das sociedades não é o ódio declarado, mas a indiferença que o normaliza.

No mundo contemporâneo, o antissemitismo frequentemente se mascara sob discursos políticos ambíguos, nos quais se confunde crítica legítima a decisões estatais com hostilidade dirigida a identidades coletivas. Essa confusão cria terreno fértil para a estigmatização e para a legitimação simbólica da violência. A advertência de Primo Levi permanece atual: aquilo que aconteceu pode acontecer novamente.

Nesse contexto, a reflexão ética proposta por Martin Buber adquire especial relevância. Ao afirmar que toda vida verdadeira é encontro, o filósofo nos lembra que o antissemitismo nega radicalmente a relação, substituindo o rosto pelo estereótipo, o diálogo pela caricatura, o humano pela abstração.

Combater o antissemitismo não é tarefa restrita a políticas de segurança. Trata-se de um compromisso civilizatório que envolve educação histórica, responsabilidade institucional e vigilância ética permanente. Academias, universidades e veículos de pensamento atuam justamente no campo simbólico onde o ódio se forma ou é contido.

O atentado de Sydney interpela não apenas a comunidade judaica, mas toda a sociedade. Onde o antissemitismo encontra espaço, a dignidade humana se fragiliza. Defender a memória, recusar a indiferença e sustentar o pluralismo não são gestos retóricos. São como aquelas velas iniciais: frágeis à primeira vista, mas suficientes para lembrar que a escuridão nunca é absoluta – apenas espera que alguém deixe de acender a luz.

\*Ana Maria Bernardelli é membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

# George Sand e Gustave Flaubert, duas cabeças, um só coração

Por Vera Lúcia de Oliveira\*

Ele foi chamado de idiota por Sartre na monumental obra de mais de três mil páginas, *O Idiota da Família*. Mas, chamou a si mesmo de “o pobre da família”. Ele é ninguém menos que Gustave Flaubert (1821-1881), o imenso escritor francês que reinventou o romance no século XIX, com *Madame Bovary* (1857), para escândalo da França conservadora da época.

Homem humilde que se contentava em viver com poucos recursos, não tinha pretensão de ganhar dinheiro com a escrita – pois se achava incompetente para tal – e não se considerava acima de ninguém; ao contrário, achava que havia escritores melhores que ele e que viviam em condições menos favoráveis; logo dizia que não podia se queixar porque possuía um teto e algum rendimento na sua vida reclusa no interior, na pequena Croisset, na região normanda à margem do rio Sena. Assim falou o grande escritor em carta à



George Sand

querida amiga, e não menos importante, George Sand, pseudônimo de Aurore Dupin (1804-1876).

Trata-se de livro da correspondência entre os dois escritores (ele mais jovem, com dezessete anos), que encanta e provoca a leitura já a partir do título, *George Sand e Gustave Flaubert – Você ama demais a literatura, ela o matará*. (France: Le Passeur, 2021), em tradução livre desta autora.

O que primeiro chama a atenção e encanta o leitor é como duas criaturas díspares puderam tornar-se tão próximas, tão amigas e admiradoras entre si! Ele, um eremita, solteirão recluso, vivendo com a mãe e a sobrinha; ela, casada, mãe de família, cercada por filhos, netos e amigos sem conta. Ele, obstinado na busca do estilo perfeito, trabalhava em ritmo de tartaruga, levando dias para aprontar uma frase. Para ele, a “sacrossanta literatura” ocupava o primeiro lugar em sua vida e reafirmava sua profissão de fé na literatura, cujo ideal é o artista nada mostrar, ocultar-se em sua obra, como Deus na natureza. “O homem não é nada, a obra é tudo”, disse.

Já George Sand escrevia absurdamente rápido produzindo livros em série, tornando-se, pelo talento, a maior escritora francesa do século XIX. Para ela, no entanto, a literatura era secundária em sua vida, pois a família vinha em primeiro lugar; disse que devemos viver para os outros. E disse ainda ao amigo: “Você ama demais a literatura, ela o matará e você não matará a tolice humana.” Aconselhou-o a casar-se (o que rejeitou, já que para ele casamento era algo na categoria do “fantástico”) e aceitar a vida como ela é. Seu nome completo, Amandine Aurore Lucile Dupin, baronesa Dudevant, revela a origem aristocrática, o que não a impediu de ser uma trabalhadora incansável da literatura, produzindo dezenas e

dezenas de romances e peças de teatro de grande sucesso na cena parisiense. Foi, portanto, uma mulher de espírito que viveu à frente do seu tempo.

Estamos falando de dois seres admiráveis: ele, um gigante de quase dois metros de altura e olhos muito azuis, pesadão, um perfeito exemplar da Normandia. Ela, mulher encantadora, que no começo da carreira adotou pseudônimo masculino para ser aceita no meio literário, defensora dos direitos das mulheres e, provocadora, fumava em público – o que era inaceitável – e vestia-se com roupas masculinas; e, para mais escandalizar a sociedade, separada, teve inúmeros relacionamentos amorosos, o mais conhecido com o compositor polonês Frédéric Chopin.

A bela amizade que uniu os dois escritores incluía segredos compartilhados e oferta de dinheiro como ajuda nos momentos de dificuldades, com visitas e acolhida calorosa em suas residências. Embora frequentassem assiduamente Paris, ambos viviam no interior: ele, sempre em Croisset – onde se desesperou quando a casa foi ocupada por quarenta prussianos durante a guerra do país com a Prússia, em 1871; ela, em Nohant, residência da avó onde, órfã de pai, cresceu solitária e introspectiva.

O que mais dizem as cartas? Dizem muito. Iniciadas no ano de 1866 e indo até 1876, são um testemunho da vida familiar, literária, social de ambos e ainda da vida cultural e política da França. Verdadeiras preciosidades. Nelas vemos a profunda divergência política entre ambos: ele, conservador, mas não reacionário – ao contrário, tinha ojeriza aos burgueses, sobretudo os provincianos, que ridicularizou em *Madame Bovary* e no *Dicionário das Ideias Feitas* –, e disse que estaria sempre ao lado das minorias, dos perseguidos, como os

ciganos na Europa, odiados e perseguidos por aquela classe social racista e xenófoba. Ela, republicana fervorosa e socialista, defensora do povo, da igualdade, da democracia, do sufrágio universal, da educação das pessoas, foi fiel ao Romantismo com histórias ingênuas e poéticas. Ele inaugurou a nova escola do Realismo. Ela, otimista; ele, pessimista. Mas a divergência de pontos de vista não afetou em nada a amizade dos dois, que se tornariam igualmente monumentos da literatura francesa. A última das doze cartas de George Sand, de 1876, é um belo testamento moral e intelectual, uma verdadeira profissão de fé.

Como os amigos se conheceram?

George Sand viu Flaubert, pela primeira vez, em 1857, no Teatro Odéon, em Paris, e nesse ano defendeu-o dos ataques à *Madame Bovary* no artigo “O realismo”, publicado no “*Courrier de Paris*”, em julho de 1857; e, mais tarde, em janeiro de 1863, defendeu o romance *Salammô*, insultado por boa parte da crítica. Mas os dois escritores só foram apresentados em 1866 por Alexandre Dumas, filho e Saint-Beuve, no lendário restaurante Magny, onde o famoso grupo de intelectuais parisienses se encontrava quinzenalmente. Daí em diante tornam-se amigos e correspondentes até a morte da amiga, em 1876, quando ele chorou amargamente. Tempos depois, declarou: “É necessário tê-la conhecido como a conheci, para saber o que havia de feminino nesse grande homem.”

Da profunda diferença, surgiu a grande amizade. *Vive la différence!*

\*Vera Lúcia de Oliveira é da Academia de Letras do Brasil.

# J Livros e Autores

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



## 50 TONS DA VIDA: CRÔNICAS DA NOSSA VIDA

*50 Tons da Vida: Crônicas da nossa vida* (Ateliê Editorial, 2018), é o primeiro livro de crônicas do professor, palestrante e escritor paulista Roberto Livianu. Depois de 27 anos como promotor de justiça, Livianu reuniu 50 crônicas ao completar 50 anos. Os textos falam das miudezas do cotidiano, como *O Bingo Natalino do Pirarucu*, *Rodoviária* ou *As Cores da Feira* e sobre a experiência profissional do autor, como *Ética da Bandidagem*, *Assalto de Bike* e *O Fogo do Amor* e sobre corrupção, como *Vinte e Seis Milhões*, *Cadê o Resto do Meu Oxigênio* ou *O País*

*da Carteirada*. E sobre amor, como *Triângulo*, *Carrossel* e *Flores Amores* e até sobre o próprio velório do autor, ali estando espiritualmente depois da morte e presenciando as reações das pessoas a seu falecimento prematuro. A obra prende o leitor desde a primeira linha, com sensibilidade e humanismo. Além disso, sua palavra é extremamente descritiva, fazendo com que aquele que a lê sinta as sensações e veja as cores mostradas vivamente nas crônicas. No prefácio, Mario Sergio Cortella cita o epíteto do ensaísta Agripino Grieco dado aos que considerava serem cronista admiráveis: “grandes nadadores de piscina.”

## FRATURAS GESTADAS NA TERRA

*Fraturas Gestadas na Terra* (Ed. Cousa, 2026), terceiro romance do escritor capixaba Danyl Sueth, é o resultado de uma residência literária feita pelo autor no distrito de Pedra Menina, em Dores do Rio Preto, no âmago das montanhas do Caparaó, durante todo o ano de 2025. Com prosa poética e alternância de vozes, a narrativa alterna texturas oníricas e realistas, conduzindo o leitor entre ganhos e perdas em uma pequena comunidade rural. “A trama se desenrola em uma época indefinida, opção astuta do autor, e nos entrega personagens profundos e críveis”, afirma Caê Guimarães, que assina a orelha. Natural de Bom Jesus do Itabapoana (RJ) e radicado em Alegre (ES) desde 1999, Danyl Sueth atua em diferentes frentes artísticas. No teatro, integra a criação com o Grupo Teatral Caparaó. Na música, atua como vocalista e guitarrista da banda de rock Estado de Sítio, com dois álbuns lançados. Na literatura, publicou os romances *Os Dalmarco* (2017, Ed. Cousa) e *Depois que o Sol se Põe* (2019, Ed. Patuá), ambos premiados pelo Edital de Produção e Difusão Literária da Secult-ES. No cinema, estreou como autor e protagonista do média-metragem *Não Volte Mais* (2024), dirigido em parceria com Diego Scarparo.



## LINHARES FILHO, UM TEMA LITERÁRIO

*Linhares Filho, Um Tema Literário: 55 anos de fortuna crítica*, livro organizado pelo escritor, jornalista e professor Ítalo Gurgel, é uma ode ao Príncipe dos Poetas Cearenses, visto sob a ótica de renomados escritores, por meio de poemas, estudos, discursos, artigos, cartas e opiniões críticas. Ao longo de mais de 500 páginas, textos como “Sonatas de luz/ E cores amargas/ Linhares linhagem/ Das altas palavras” (Horácio Dídimo); “Por isso, o Anjo da Poesia jamais o abandonará, dando-lhe permanentemente a inspiração necessária à sua grande obra poética, em benefício da Literatura Cearense” (Artur Eduardo Benevides); “Em suma, ele é poeta, senhor do verbo e do verso, pastor de metáforas e recriador do mundo...” (Sânzio de Azevedo); “Os poemas todos são de grande qualidade, tanto em forma quanto em conteúdo, mas o que neles logo e sobretudo chama a atenção é o requinte artesanal de sua estrutura vérsica, que lhes confere atraente perfeição formal” (Noemi Elisa Aderaldo). Na introdução, Ítalo Gurgel sublinha a importância dessa coletânea, não apenas para configurar a dimensão da obra literária de Linhares Filho, como também para subsidiar os estudos de Literatura Cearense – e brasileira – que agregam, a partir de agora, uma nova e valiosa fonte de pesquisa.



## GENTINHA

Depois de seis anos afastado do gênero, Marcelo Moutinho retorna aos contos com *Gentinha* (Record), um conjunto de 16 narrativas que apostam no olhar atento sobre o cotidiano urbano brasileiro. Dividido em duas partes — *Dentro É um Mundo* e *A Verdade Não Rima* —, *Gentinha* percorre cenários que vão dos bairros das periferias ao microcosmo das casas da classe média, transitando com naturalidade por diferentes estratos sociais do Brasil contemporâneo. São histórias de pessoas simples, “gente do povo”, retratadas em sua complexidade, força cotidiana e originalidade. Embora reconhecido pela relação íntima com a crônica, o escritor reafirma nesse livro sua vocação ficcional. Das 16 narrativas, apenas a que abre o volume, *Queda para o alto*, é exceção, ao se inspirar em fatos reais relacionados à morte trágica da mãe. Os demais textos são exercícios deliberados de imaginação. Marcelo Moutinho nasceu no Rio de Janeiro, em 1972. Conquistou o Prêmio Jabuti 2022 na categoria Crônica com *A Lua na Caixa D'água* (Malê) e o Prêmio Clarice Lispector 2017, da Fundação Biblioteca Nacional, com os contos de *Ferrugem* (Record). Entre suas obras, estão *O Último Dia da Infância* (Malê, 2025), *A Palavra Ausente* (Malê, 2022), *Rua de Dentro* (Record, 2019) e *Na Dobra do Dia* (Rocco, 2015).



## AS ALMAS DE SÃO CRISTÓVÃO

Livro inaugural da Série Bicentenário de D. Pedro II, *As Almas de São Cristóvão* (Ed. Linotipo Digital, 2025), do historiador Dom Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança, reúne artigos de cunho histórico-biográfico a respeito de personagens ilustres e parentes da Família Imperial relacionados ao precioso Palácio de São Cristóvão, outrora sede da monarquia brasileira. Ricamente ilustrado com mais de 70 imagens, além de um extenso e detalhado índice onomástico e remissivo e um texto anexo de autoria do arqueólogo e museólogo Claudio Prado de Melo, o leitor encontrará vários artigos, entre eles *Dom Pedro II: O patrono dos astrônomos brasileiros*; *A Imperatriz Dona Amélia*, *Princesa Italiana*; *A Imperatriz Dona Leopoldina: Sua presença nos jornais de Viena e a sua renúncia à coroa imperial da Áustria*; *As Visitas de Dom Pedro II e Dona Teresa Cristina em Viena (1871 e 1877)*, entre outros. Dom Carlos nos brinda, ainda, com um conto sobre a fatídica noite do incêndio, “Uma noite trágica – 2 de setembro de 1818”. Descendente da família imperial brasileira e Chefe do Ramo de Saxe-Coburgo e Bragança, um ramo da Casa Imperial do Brasil, o autor é bisneto da princesa Leopoldina do Brasil, filha mais nova do imperador D. Pedro II.



## TRAVESSIAS

Em *Travessias* (Ipê das Letras, 2024), o escritor e jornalista Fábio Steinberg dá voz aos caminhos tortuosos e emocionais de imigrantes que deixaram tudo para trás em busca de um novo recomeço no Brasil. A obra, que se passa entre as Grandes Guerras do século XX, é um retrato delicado das dificuldades, sonhos e reinvenções de estrangeiros que enfrentaram o desconhecido. O contraste cultural é vivido intensamente por Natan, um dos três narradores da história, que desembarca na Baía de Guanabara em pleno Carnaval. A partir de sua perspectiva, o leitor é levado ao impacto da chegada a um país desconhecido. Além de Natan, a narrativa é conduzida por Hana, uma mulher culta de Varsóvia que, ao casar-se sem amor, muda-se para São Paulo com o marido e duas filhas. Uma delas, Rivka, é a terceira narradora, por meio de seu diário. Fábio Steinberg é autor dos livros *Ficções Reais*, *Viagem de Negócios*, *O Maestro* e *Travessias*. Formado em Administração e Jornalismo, teve uma extensa carreira como executivo de comunicação em grandes empresas, foi colunista e colaborador de jornais, além de consultor empresarial. Filho de imigrantes, nasceu no Rio de Janeiro e atualmente vive em Itu, em São Paulo.



# 60 anos de *Dona Flor, o outro nome de Sônia Braga*

Por Edmilson Caminha\*

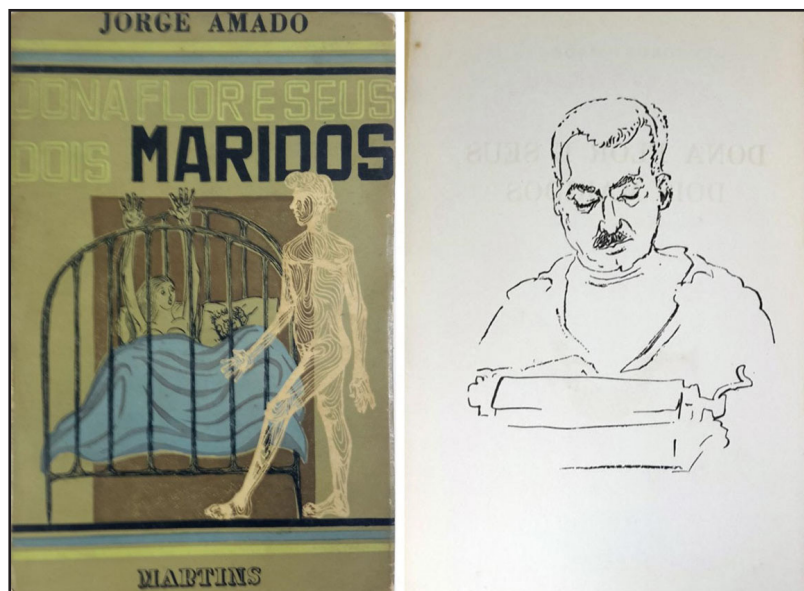
Para o crítico literário baiano João Carlos Teixeira Gomes, a obra de Jorge Amado pode-se dividir em dois grandes segmentos, marcados pelo que chamou de “ideologia do pessimismo” e “ideologia da esperança” – a primeira, a permeiar o romance de estreia, *O País do Carnaval*, publicado em 1931; a outra, a partir de *Jubiabá*, lançado em 1935. “É o melhor ensaio já feito sobre a minha ficção”, ouvi o romancista dizer, ao contrerrâneo que o escrevera, durante o seminário “O



Romance de 30 no Nordeste”, realizado pela Universidade Federal do Ceará em 1981. Percebera o ensaísta, com aguda lucidez, que se operara substancial mudança na *Weltanschauung* amadiana: a mistura étnica e a vocação dionisíaca para o prazer, que destinariam o povo brasileiro ao subdesenvolvimento e à pobreza, passariam, em apenas quatro anos, a ser interpretadas como forças que nos transformariam em uma grande nação, feliz e próspera. Sentimento que inspirou a criação de *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), *Dona Flor e seus Dois Maridos* (1966), *Teresa Batista Cansada de Guerra* (1972) e *Tieta do Agreste* (1977). Histórias com milhões de leitores em todo o mundo, têm como protagonistas mulheres que são das maiores personagens da literatura brasileira em todos os tempos, ao lado de Iracema, Capitu, Clara dos Anjos, Ana Terra, Macabéa e Maria Moura, para lembrar algumas. Neste ano de 2026 ressalte-se, especialmente, *Dona Flor*, pelos 60 anos da primeira edição do livro e 50 anos do lançamento do filme homônimo, a par dos 25 anos do falecimento de Jorge Amado.

O romance se passa em Salvador, na Bahia da década de 1940. Ao fogão e à mesa da sua “Escola de Culinária Sabor e Arte”, Florípedes, Flor para os amigos, é casada há sete anos com Waldomiro dos Santos Guimarães, o Vadinho, boêmio, mulhengo, frequentador de bordéis e das casas clandestinas onde aposta na roleta e no baralho. Em pleno domingo de Carnaval, no bloco de rua que atravessa o Largo Dois de Julho, cai subitamente morto, fantasiado de baiana. No velório, continuam as vizinhas fofoqueiras a detonar Vadinho: cachaceiro, vagabundo, gastava as economias da mulher no pano verde dos cassinos, Flor livrara-se de um carma, sete bíblicos anos de sofrimento e de tristeza, agora podia recomeçar a viver, não faltariam candidatos à mão da viúva jovem, trabalhadora, bonita...

Em meio a tanto vitupério, o adeus dos companheiros de



1ª edição de *Dona Flor e seus Dois Maridos*, de Jorge Amado.

esbórnica, um deles poeta, autor da “Elegia à definitiva morte de Waldomiro dos Santos Guimarães, Vadinho para as putas e os amigos”, com a eloquente imagem das “bundas em desespero, a soluçar”... O defunto não era, mesmo, exemplo a seguir, viera ao mundo a passeio, de olho nos ingênuos que lhe caíam na lábia. Como um certo Raimundo Reis avalista da promissória que se negava a honrar, nas mãos do gerente do banco:

— Disse que não paga, recusa-se? Mas veja o senhor, seu Tarquínio, tem de tudo neste mundo... Que sujeito mais cínico e sem-vergonha...! Fica no cabaré a arrotar riqueza, que tem léguas de terra, que mais gado e que mais açúcar, que faz e acontece, que comeu três mulheres de uma vez em Paris, um bafo de milionário. Vai daí, a gente confia, cai no conto do vigarista, aceita o aval como se o tipo fosse direito. Resultado: título vencido sem pagamento e o meu crédito abalado, o senhor me chamando aqui... (...) São sujeitos assim que deixam a gente mal junto aos bancos... Quando o cara avaliza um título é porque está disposto a pagar, seu Tarquínio. Esse Raimundo Reis devia estar era na cadeia, caloteiro vagabundo... (...) Está vendo, seu Tarquínio, o prejuízo que esse tipo está me dando? É o resultado da gente se meter com esses tratantes... E eu que sempre escolhi meus avalistas a dedo... Raimundo Reis, quem diria... É vivendo que se aprende...

Malandro como ele só, Vadinho não consegue desgostar o leitor, tal a maestria com que Jorge Amado constrói a personagem. Farrista, pouco afeito ao trabalho, não era, contudo, pessoa ruim, de má índole. Se não era bom marido, ninguém melhor do que ele no papel de amante: Dona Flor sabia-o irresponsável, inconsequente, defeitos que sumiam na cama, em noites de “vadiação” e luxúria, quando lhe sentia a língua deslizar do umbigo para o lugar que, segundo ele, tinha “gosto de mel e pimenta”... E se perguntaria depois, saudosa do primeiro e único homem a possuí-la: “O que é uma donzela, tola e ignorante em seu desejo, se comparada a uma viúva, cujo anseio é feito de conhecimento e de ausência, de contenção e de penúria, de fome e de jejum (...)?”

Na imaginação de Jorge Amado, faltam a Dona Flor a sensualidade e o encanto que depois lhe daria o cinema: descreve-a como “gordota de corpo e rechonchuda”, “servida de carnes, com uns olhos de azeite e a pele cobreada, cor de chá, formosa de ancas e de seios”. Viúva aos 30 anos, começa, pouco a pouco, a dividir-se entre a realidade e a fantasia, a vida e o sonho, o desejo e o pudor, na admirável prosa poética do romancista:

Em fogo lento meus sonhos me consomem, não me cabe culpa, sou apenas uma viúva dividida ao meio, de um lado viúva honesta e recatada, de outro viúva debochada, quase histórica, desfeita em chique e calundu. Esse manto de recato me asfixia (...). Lanço este apelo aos quatro ventos, ao sabor das correntes submarinas, das fases da lua e da maré, no rastro de qualquer navegação ou cabotagem, pois sou porto de difícil descoberta,

recôndito golfo, ancoradouro de naufrágios. Quem souber de solteiro em busca de viúva e casamento, diga-lhe que aqui se encontra Dona Flor à beira do fogão, junto ao vatapá de peixe, consumida em fogo e em maldição.

No fundo, é a saudade de Vadinho, a falta da “vadiagem” que lhe preenchia as madrugadas, menos fortes, porém, que a cobrança da sociedade, a pressão do entorno por uma vida segura e confortável: de um marido infiel e beberrão, passa do vinho para a água ao casar-se com o Dr. Teodoro, homem íntegro, de conduta reta, farmacêutico e músico amador, que tinha no fagote a única diversão. Vai, assim, de Dionísio a Apolo, ou, como diria Julio Cortázar, do “cronópio” Vadinho – leviano, irreverente, hedonista – ao “fama” Teodoro, perfeccionista, sisudo, metódico, cujo lema, constante em placa que se lia na farmácia, era, não sem razão, “um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar”. Organizado ao ponto de fazer amor apenas às quartas e aos sábados, com direito a repeteço só no meio da semana...

Esposa virtuosa e dedicada, persegue-a a lembrança do finado, como confessa à irmã:

(...) A mesma coisa todo dia cansa, até quando a gente está no bom e no melhor. Aqui pra nós lhe digo, mana saudosa, que mesmo com essa vida tão feliz, por todos invejada, por vezes me dá uma agonia, tão sem pé e sem cabeça, difícil até de explicação, um não-sei-quê...

Tamanha foi a carência... que Vadinho ressuscitou, engenhosamente trazido de volta por quem o criara: visto apenas pela amada, invisível aos olhos dos outros, Teodoro incluído: “Também tive saudade o tempo todo... Não adiantou tu ser ruim, Vadinho, quase morri quando tu morreu...”, dizia-lhe Flor, mas resistente à libido insatisfeita do agora amante: “Se eu te chamei, como tu dizes, foi para conversar contigo, às vezes me apertava uma saudade, o desejo de te ver, de falar com você, não foi ideia de descarção”, embora se reconhecesse dominada por uma “ternura funda, comovida, um não-sei-quê, mistura do bom e do ruim, sentimento de análise difícil e de impossível explicação para ela própria”. Como tudo é possível aos que vencem a morte, no romance a personagem até levita, pondo-se de cabeça para baixo a “brechar” o decote de uma exuberante aluna da Escola Sabor e Arte... Entre a pudica esposa de Teodoro e a mulher que se dá toda a Vadinho, pergunta o romancista: “Qual das duas a verdadeira Dona Flor? A que fecha a porta com estrondo ou a que abre em silêncio, fresta a fresta, a porta de seu corpo?”

De novo entre os vivos, Vadinho resolve ajudar Anacreon, Arigof, Mirandão, velhos companheiros nos jogos de azar, em que, como sempre, perdiam muito mais do que ganhavam: soprava-lhes ao ouvido seu número de sorte, 17, tantas vezes premiado que leva à falência o calabrês Pelancchi Moulas, milionário à custa dos tolos que sonhavam em ficar ricos. Desesperado, o banqueiro consulta pais de santo, adivinhos e videntes, para que lhe descobrissem a urucubaca que o empobrecera. “Coisa de marcianos...”, segundo o espertalhão Cardoso e Silva, “modesto funcionário dos arquivos municipais, mestre de ciências ocultas, herdeiro da Chave de Salomão, filósofo universal e hindustânico e capitão do cosmos”.

Em uma das melhores passagens do romance, Jorge Amado lembra Dostoiévski, ao mergulhar com agudeza na psicologia dos jogadores amigos de Vadinho, que acabam por enjoar de não perder nunca:

Isso era ganhar, não era jogo. A emoção do jogo é o não saber, é o risco, a raiva de perder, a alegria de acertar, o ganho e a perda. É seguir a bola na bacia da roleta, em seu giro louco e em seu imprevisível número de sorte, cada vez um número diferente. Quando repetia por acaso, que emoção! Agora Anacreon nem olhava para a bola, ela ia obediente cair no número onde ele depositara fichas. E as cartas dos baralhos? E os dados? Que crime cometera para merecer castigo assim?

Na longa e boa entrevista que concedeu a Antônio Roberto

Espinosa, declarou Jorge Amado: “O personagem é quem faz o romance. Quando é o autor que o faz, o romance não presta.” E conta o que respondera à sobrinha que lhe perguntara sobre o fim da história de Dona Flor, ao tempo em que estava a escrevê-la:

Como estou vendo a coisa, ela vai se entregar ao Vadinho, mas como é muito marcada por esse preconceito todo, vai ficar desesperada. E como ela já fez o ebó pra ele ir embora, no momento em que ele for, ela vai com ele... Eu penso uma coisa assim meio poética, os dois desaparecendo, o outro marido entrando e vendo ela morta na cama.

Sabemos que o desfecho é outro, nas palavras de Jorge carinhosamente lembradas por Zélia Gattai, no discurso com que se empossou na Academia Brasileira de Letras: “Essa sua amiga, hein, Dona Zélia? Revelou-se uma boa descarada: dormiu com Vadinho, gostou, mandou seu preconceito de pequeno-burguesa às favas e ficou com os dois maridos...” Como dissera na entrevista: “O amor é muito forte, você sabe, e quando são dois amores, fica mais forte ainda. Dona Flor impôs o fim do livro.”

Chega-se, assim, ao último parágrafo do romance: “E aqui se dá por finda a história de Dona Flor e de seus dois maridos, descrita em seus detalhes e em seus mistérios, clara e obscura como a vida. Tudo isso aconteceu, acredite quem quiser. Passou-se na Bahia, onde essas e outras mágicas sucedem sem a ninguém causar espanto.”



Mauro Mendonça, Sônia Braga e José Wilker no filme *Dona Flor e seus Dois Maridos*.

• • •

Em 1976, chegava às telas o filme *Dona Flor e seus Dois Maridos*, sob a direção de Bruno Barreto, que também assina o roteiro, com Eduardo Coutinho e Leopoldo Serran. Nos papéis principais, Sônia Braga (Flor), José Wilker (Vadinho) e Mauro Mendonça (Teodoro), tão brilhantes que se confundem com as personagens, na imaginação das pessoas: como pensar na protagonista senão com o rosto e a volúpia da atriz que a interpreta? No primeiro marido, a não ser com a aparência do ator que lhe dá vida e graça? No farmacêutico a tocar uma valsa d’*A Viúva Alegre*, sem que se apresente ao fagote o artista que o immortalizou? Não por acaso, 10,7 milhões de espectadores foram vê-los no cinema, a maior bilheteria brasileira por 37 anos.

Em dois anos de filmagens, com mais de cinco mil figurantes, gravaram-se momentos antológicos. Na cama em que se entrega ao marido que voltara, Flor lhe pergunta, com a inocência de criança, como é Deus: “Deus é gordo”, responde, três palavras que dizem mais belamente do que as *Confissões* de Santo Agostinho, a *Suma Teológica* de São Tomás de Aquino... A última cena é antológica: após a missa, os fiéis deixam a Igreja de Nossa Senhora da Palma, em Salvador. No meio deles, Dona Flor, a descer a ladeira entre o circunspecto Teodoro e o pândego Vadinho, completamente nu, a apalpar a bunda que Michelangelo não teria feito melhor, da criatura de Jorge Amado que Sônia Braga tornou símbolo da beleza, da sensualidade e do encanto da mulher brasileira.

\*Edmilson Caminha é membro da Academia Brasileira de Letras.

# Nos 120 anos de Afonso Arinos: obra coletiva revisita o legado de um intelectual plural

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com Fotos: Michael Félix

A celebração dos 120 anos de nascimento de Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990) mobilizou a cena intelectual brasileira em torno de uma iniciativa que combina resgate histórico, análise crítica e homenagem. Organizado pelo historiador Arno Wehling e pelo jornalista Rogério Faria Tavares, o livro *Nos 120 Anos de Afonso Arinos de Melo Franco* (Editora Miguilim) prenunciou seu sucesso absoluto no lançamento, realizado na Academia Brasileira de Letras. Reunindo acadêmicos, juristas, jornalistas, estudantes e leitores em uma noite que conjugou celebração e reflexão, a sessão de autógrafos, que se somou a um debate com os autores, na Sala José de Alencar, foi marcada por intensa circulação de ideias e por depoimentos que destacaram a atualidade do pensamento de Arinos.

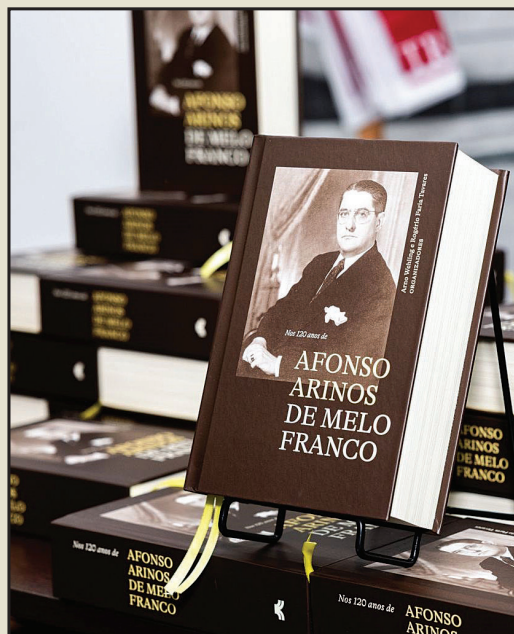


Angelo Oswaldo, Cesario Mello Franco, Antônio Torres com os organizadores da coletânea Arno Wehling e Rogério F. Tavares, na Sala José de Alencar (ABL).

O acadêmico Arno Wehling enfatizou, em sua fala, a importância de resgatar figuras que contribuíram para a formação institucional e intelectual do país, enquanto Rogério Faria Tavares, presidente emérito da Academia Mineira de Letras, destacou o caráter coletivo da obra e o esforço de reunir diferentes vozes em torno de um mesmo legado.

O evento também foi permeado por lembranças de convivência e por análises que situaram Afonso Arinos no panorama mais amplo da cultura brasileira, reafirmando sua condição de elo entre tradição e modernidade.

A coletânea *Nos 120 Anos de Afonso Arinos de Melo Franco* (Editora Miguilim), organizada pelos acadêmicos Arno Wehling e Rogério F. Tavares, reúne 17 ensaios ao longo de mais de 500 páginas, reafirmando a pertinência de um autor cuja obra permanece decisiva para compreender o Brasil.



Os 17 ensaios que compõem a obra percorrem a vasta produção e atuação de um dos mais importantes nomes do pensamento brasileiro no século XX, refletindo a amplitude temática que caracterizou Afonso Arinos. O volume abrange, ao longo das mais de 500 páginas, suas contribuições ao direito constitucional, suas reflexões sobre a formação do Estado brasileiro, sua atuação na política externa, além de suas incursões na história das ideias, na história econômica, na crítica literária e no memorialismo.

A proposta editorial evita a compartimentalização rígida. Ao contrário, os textos revelam a unidade profunda de um pensamento que se constrói na interseção entre teoria e prática. Afonso Arinos não foi apenas um observador de seu tempo, mas um agente ativo na construção das instituições e dos debates que moldaram o Brasil do século XX: “Ele foi um homem de reflexão e de ação. É um perfil muito raro de se encontrar no cenário atual, em que há poucos intelectuais dispostos a atuar na vida político-partidária”, afirmou o acadêmico mineiro Rogério Tavares.

A coletânea reúne autores cujos ensaios estabelecem um diálogo consistente com diferentes aspectos da obra de Arinos. São eles: Airton L. Cerqueira Leite Seelaender, Angelo Oswaldo de Araújo Santos, Arno Wehling, Aspásia Camargo, Bernardo Cabral, Cesario Mello Franco, Christian Lynch, Cláudio Aguiar, Domício Proença Filho, Edmar Lisboa Bacha, José Sarney, Joaquim Falcão, Luiz Feldman, Rogério Faria Tavares, Rubens Ricúpero e Sydney Limeira Sanches. Entre os colaboradores, intelectuais que conviveram diretamente com Afonso Arinos, trazendo à tona dimensões pessoais e testemunhais de sua trajetória, e estudiosos que, a partir de pesquisa e distanciamento crítico, analisam sua produção sob novas perspectivas.

Esse encontro entre memória e interpretação confere inegável densidade ao volume. Ao mesmo tempo em que humaniza a figura do homenageado, evita a idealização simplificadora, apostando na complexidade de um intelectual que soube tensionar seu próprio tempo.

A obra revisita desde sua atuação na Câmara e no Senado, no Ministério das Relações Exteriores e na Universidade (foi professor na UERJ e na UFRJ), até sua participação em entidades como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Instituto dos Advogados Brasileiros e a Academia Brasileira de Letras.

Jurista, diplomata, professor, ensaísta e político, Afonso Arinos construiu uma trajetória marcada pela densidade intelectual e pela rara capacidade de transitar com rigor entre diferentes campos do saber. Filho da aristocracia ilustrada de Minas Gerais, Arinos foi o nono parlamentar da família, que se engajara na Revolução de 1930. Imortal da Academia Brasileira de Letras, foi deputado federal, senador da República e um dos formuladores mais consistentes do pensamento liberal brasileiro em sua vertente democrática.



Afonso Arinos de Melo Franco, deputado udenista que fez a primeira Lei antirracista do Brasil.

Um dos marcos incontornáveis de sua atuação pública foi a autoria da primeira lei brasileira de combate ao racismo – a chamada Lei Afonso Arinos, promulgada em 1951, que tipificou como contravenção penal a discriminação racial no país. Em um contexto histórico ainda marcado por profundas desigualdades e por uma naturalização perversa do preconceito, a iniciativa representou um gesto pioneiro no reconhecimento jurídico da questão racial no Brasil. Em tempos contemporâneos, nos quais o racismo estrutural segue sendo objeto de enfrentamento e debate, revisitar essa contribuição é também reafirmar a centralidade de sua atuação ética e política.

### Trajectoria e pensamento crítico

Nascido em Belo Horizonte no dia 27 de novembro de 1905, Afonso Arinos pertenceu a uma linhagem de intelectuais e homens públicos que marcaram a história política e cultural brasileira. Sua formação jurídica o levou à docência, tendo lecionado Direito tanto na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) quanto na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde influenciou gerações de estudantes.

Na vida pública, destacou-se por sua independência crítica. Foi um opositor de Getúlio Vargas em momentos decisivos da história política nacional, posicionando-se com firmeza em defesa de princípios institucionais e democráticos. Sua atuação parlamentar foi marcada pela eloquência e pela consistência argumentativa, características que também se refletem em sua produção ensaística.

Como diplomata, contribuiu para a formulação da política externa brasileira em um período de intensas transformações geopolíticas. Já como crítico literário e memorialista, deixou registros fundamentais sobre a cultura brasileira e sobre figuras centrais de seu tempo, consolidando-se como um intérprete atento das tradições e tensões do país. Falecido em 1990, quando era senador, Afonso Arinos foi o mais idoso membro da Assembleia Nacional Constituinte, e o parlamentar que falou em nome de todos no dia da promulgação da Constituição de 1988. Suas ideias em favor do estado democrático de direito e da expansão da soberania nacional parecem, hoje, mais atuais que nunca.

Essa multiplicidade de experiências – entre o direito, a política, a diplomacia e a literatura – é um dos eixos estruturantes da coletânea agora publicada. O livro recupera não apenas o pensamento de Afonso Arinos, mas também sua inserção histórica, evidenciando como sua obra dialoga com os grandes temas do Brasil contemporâneo.

### Combatente da justiça

A dimensão humana e afetiva de Afonso Arinos ganha relevo em episódios que atravessam sua trajetória. Um dos mais emblemáticos ocorreu por ocasião de seu aniversário de 70 anos, quando recebeu de presente um poema de Carlos Drummond de Andrade. No texto, o poeta mineiro dirigiu-se ao amigo como “meu combatente do direito e da justiça” – síntese precisa de uma vida dedicada à reflexão e à ação pública.

O gesto de Drummond não apenas revela a rede de interlocuções intelectuais da época, mas também sublinha o reconhecimento, entre seus pares, da integridade e do compromisso que marcaram a atuação de Afonso Arinos.

### Atualidade de um legado

A publicação de *Nos 120 Anos de Afonso Arinos de Melo Franco* reafirma a pertinência de um autor cuja obra permanece decisiva para compreender o Brasil. Sua defesa das instituições, sua atuação pioneira no combate ao racismo e sua reflexão sobre a identidade nacional oferecem instrumentos analíticos ainda indispensáveis.

Ao articular diferentes perspectivas sobre sua obra e trajetória, o livro organizado por Arno Wehling e Rogério Faria Tavares consolida-se como referência para estudiosos e leitores interessados na formação intelectual brasileira. Trata-se de uma contribuição significativa para manter vivo – e em permanente revisão – o legado de um dos grandes intérpretes do país.

Nesse cenário marcado por desafios políticos e sociais, revisitar esse legado não é apenas um gesto de memória – é um ato de lucidez. Sua obra, erguida sobre a coragem ética e o compromisso com a justiça, atravessa o tempo como um chamado: lembrar que a civilidade não é ornamento, mas fundamento; que a palavra pública exige responsabilidade; e que a lei pode – e deve – ser instrumento de dignidade.

Mais do que celebrar uma data, esta coletânea reacende uma presença – viva, exigente, incontornável. E, ao fazê-lo, nos convoca a recusar a indigência do debate e o desgaste dos princípios, lembrando que a palavra pública, quando despojada de ética, perde não apenas o sentido, mas a própria legitimidade. Porque, enquanto suas ideias continuarem a inquietar consciências e a iluminar o dissenso com rigor e coragem, Afonso Arinos de Melo Franco não se encerra na memória: ele persiste como horizonte crítico, como medida de integridade e como interpelação permanente a um país que não pode se permitir esquecer o valor da justiça.



A plateia reuniu acadêmicos e personalidades ilustres que foram prestigiar o lançamento da coletânea sobre a trajetória de Afonso Arinos de Melo Franco.



Rogério Faria Tavares, entre Ailton Krenak, Cesario Mello Franco e Angelo Oswaldo.



O ex-ministro Bernardo Cabral também foi prestigiar o evento na ABL



Os organizadores da publicação Arno Wehling e Rogério Tavares, receberam muitos cumprimentos.

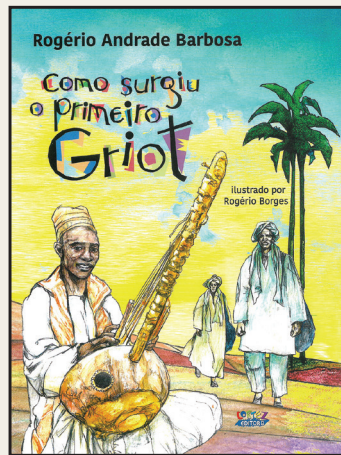
# Amor, monstros, animais e histórias!

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: [amor.anna2014@gmail.com](mailto:amor.anna2014@gmail.com)

Meus amigos Rogério Andrade Barbosa e Miguel Sanches Neto nos emocionam com suas histórias. A do Rogério traz a forte marca das histórias africanas, que mexem com os nossos sentimentos e nos alertam para a realidade dificultada pela aridez dos desertos, repleta de valores e emoções. A do Miguel, autor já admirado pelos leitores adultos, traz a emoção a flor da pele, na figura de um cachorro grande, bonachão, travesso e amigo leal. Intercaladas a essas duas narrativas, acrescento histórias divertidas, onde monstros viram amigos; lagartas são cuidadas e admiradas; uma aranha não quer ser distraída de sua tarefa; dois amigos não querem se separar e um porquinho cor-de-rosa nos ensina o significado de ódio e amor!

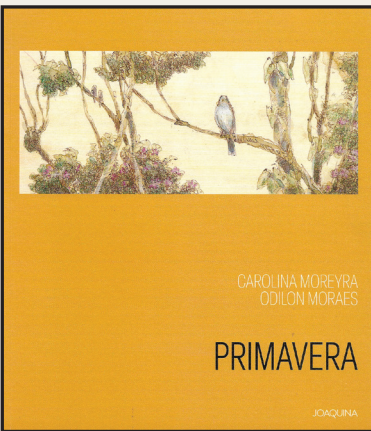
Boa leitura!

**Como Surgiu o Primeiro Griot** (Cortez Editora) – Rogério Andrade Barbosa, autor com larga experiência nas histórias do continente africano, apresenta a narrativa de como surgiu o *griot*, um contador de histórias especial. Mais do que o fato histórico, Rogério nos envolve no extremo amor fraterno, capaz de um grande sacrifício. O irmão mais jovem decide contar ao mundo a história de seu irmão mais velho, que se sacrificou para salvá-lo. Rogério Borges nos faz caminhar pelas ilustrações da realidade adversa do deserto. Uma história impactante!



**Primavera** (Joaquina) –

As lindas ilustrações de Odilon Moraes e a suavidade do texto de Carolina Moreyra nos transportam para um quintal encantado onde a primavera traz inúmeras lagartas que vão se acomodando, sem cerimônia! A bise não gosta que as crianças mexam nas lagartas porque vão se transformar em muitas borboletas, que a Bise adora! E vamos todos para esse quintal que nos faz sentir a beleza da primavera! Parabéns à editora Joaquina em seu primeiro aniversário!



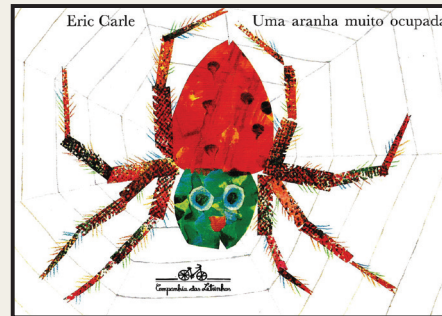
**Cartas para um Monstro** (Brinque-Book) – Texto de Patrícia Forde, ilustrações de Sarah Warburton e tradução de Gilda de Aquino – O que será que vai acontecer quando Sofia resolve escrever uma carta para o Monstro que ela imagina que está morando embaixo da sua

cama? E não é que ele responde e trocam várias mensagens! Uma história muito divertida e que une os dois com um novo problema embaixo da cama da menina!

**Jorge e Léo Estão Sempre Juntos** (Pequena Zahar) – Jon Agee escreveu e ilustrou, a tradução é de Ana Tavares – Os dois amigos são inseparáveis, até que... Léo resolve descobrir como é ficar sozinho e se afasta de Jorge. Será que isso vai durar muito tempo? É melhor ficar junto ou separado? Vamos descobrir?



**Uma Aranha Muito Ocupada** (Companhia das Letrinhas) – Assim que abri o livro, comecei a cantarolar a musiquinha infantil da dona Aranha que teima em subir pela parede! Nossa dona Aranha está

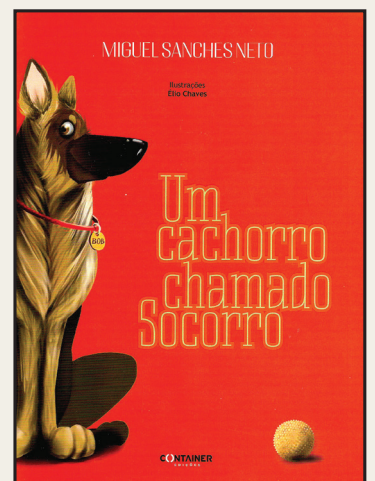


tecendo a sua teia e não atende a nenhum dos apelos dos amigos para não interromper a sua tarefa. Mais uma obra do autor estadunidense Eric Carle (1929-2021) que já nos encantou com as várias histórias dos *Ursos* e *Uma Lagarta Muito Comilona* (todos pela Companhia das Letrinhas). Livros editados para os pequeninos e que, com certeza, ficarão encantados!



**Eu Odeio Eu Amo** (A Semente) – Texto de Celso Gutfreind e ilustrações de Clara Gavilan – Após receber um *não* a um pedido inadequado, a primeira reação da criança é um *eu te odeio* bem violento. Ela já aprendeu que isso pode ser uma arma mortal no coração dos pais. Mas será que é verdade verdadeira? Claro que não! Não demora muito para a paciência e o amor logo transformarem a situação com *eu te amo!*

**Um Cachorro Chamado Socorro** (Container Edições) – Meu amigo Miguel Sanches Neto é um consagrado autor para o público adulto: *Chove sobre minha Infância* (Tinta Negra) é um lindo romance com detalhes autobiográficos. Em sua incursão na literatura infantil, também possui títulos reconhecidos e adotados. Em novas edições próprias e cuidadosas, me diverti com esse cachorro grande e bobo que envolve toda a família com suas traquinagens. As divertidas ilustrações são de Élio Chaves. Você já viu um cachorro de óculos, lendo um livro com entusiasmo? Claro que são as crianças aprontando! A cada momento o cão é rebatizado em função das situações que arruma, mas conquista a todos com o seu carinho e alegria. Esse é o Bob, ou Socorro, ou Louco...



# BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



## ANA PETRA COSTA

(Belo Horizonte, 8 de julho de 1983) Cineasta, roteirista, produtora e narradora brasileira. Começou sua trajetória artística no teatro, ingressando aos 17 anos no curso de Artes Cênicas da Universidade de

São Paulo (USP). Graduiu-se em Antropologia pelo Barnard College (Columbia University) e fez mestrado em Desenvolvimento Social na London School of Economics. De volta ao Brasil, dedicou seu tempo ao cinema, primeiro como pesquisadora e assistente de direção depois como diretora. Seus filmes conquistaram reconhecimento em festivais como Sundance, Veneza, IDFA, Locarno, entre outros. Em 2020, seu filme *Democracia em Vertigem* foi indicado ao Oscar de Melhor Documentário no 92<sup>nd</sup> Academy Awards, ganhou o *Peabody Award*. Membro da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas desde 2018. Dirigiu os filmes *Olhos de Ressaca* (2009), *Elena* (2012), *Olmo e a Gaivota* (2015) e *Democracia em Vertigem* (2019), sendo indicado ao Oscar de melhor documentário, e *Apocalipse nos Trópicos* (2024) pela Netflix. Iniciou sua carreira com o curta-metragem *Olhos de Ressaca* (2009). O filme foi exibido no MoMa (NY), sendo premiado em mais de dez festivais nacionais e internacionais. Em 2012, lançou seu primeiro longa-metragem, *Elena*, premiado em diversos festivais. Em 2024, Petra lançou *Apocalipse nos Trópicos* (2024), um documentário que investiga o entrelaçamento entre religião e política no Brasil e o papel das ideologias apocalípticas evangélicas na ascensão da extrema-direita.

acervo JL



## DANIELA ARBEX

(Juiz de Fora, 19 de abril de 1973) Jornalista e documentarista brasileira. Formada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora em 1995, iniciou a carreira no jornal *Tribuna de Minas*,

do qual foi repórter especial por mais de duas décadas. Mesmo distante dos grandes centros, conseguiu reconhecimento para o seu trabalho de repórter investigativa. É autora do best-seller *Holocausto Brasileiro*, eleito Melhor Livro-Reportagem do Ano pela Associação Paulista de Críticos de Arte (2013) e segundo melhor Livro-Reportagem no Prêmio Jabuti (2014). Em 2015, Daniela publicou *Cova 312* que lhe rendeu o prêmio Jabuti na categoria livro-reportagem. Em 2018, lançou *Todo Dia a Mesma Noite*, que narra a história não contada da Boate Kiss. Em 2020, lançou sua primeira biografia, *Os Dois Mundos de Isabel*. Em 2022, foi a vez de *Arrastados: Os bastidores do rompimento da barragem de Brumadinho*, vencedor do prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos 2023. Em 2024, a escritora publicou *Longe do Ninho*, livro que retrata o incêndio no CT do Flamengo. No dia 25 de janeiro de 2023, a série *Todo Dia a Mesma Noite*, produção baseada no livro de Arbex, pela Netflix. Em 2024, o documentário *Holocausto Brasileiro* entrou para o catálogo da Netflix. Obras: 2013 – *Holocausto Brasileiro*; 2015 – *Cova 312*; 2018 – *Todo Dia a Mesma Noite*; 2020 – *Os Dois Mundos de Isabel*; 2022 – *Arrastados*; 2024 – *Longe do Ninho*. Todos os livros possuem edições em 2025 pela Intrínseca.

acervo JL



## MARIANA SALOMÃO CARRARA

(São Paulo, 1986) Escritora, poeta e defensora pública brasileira. É autora dos romances *Não Fossem as Sílabas do Sábado* e *A Árvore Mais Sozinha do Mundo*, vencedores do Prêmio São Paulo de Literatura de 2023 e 2025. Graduiu-se em Direito pela Universidade de São Paulo em 2009. Desenvolve pesquisa no âmbito do Ensino Jurídico e trabalha como defensora pública. Desde a infância, demonstra interesse pela escrita. Durante a adolescência, teve contato com a obra de Lygia Fagundes Telles, considerada uma de suas principais influências literárias. Seu primeiro livro publicado foi o romance *Idílico* (2007), seguido por *Delicada uma de Nós* (2015), *Fadas e Copos no Canto da Casa* (2017), *Se Deus me Chamar Não Vou* (2019, finalista do Prêmio Jabuti em 2020), *É Sempre a Hora da Nossa Morte Amém* (2021) e pelo vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura de 2023, *Não Fossem as Sílabas do Sábado* (2022). Em 2024, publicou o romance *A Árvore Mais Sozinha do Mundo*, que recebeu o Prêmio São Paulo de Literatura de 2025, e participou com um conto da antologia *O Dia Escuro*, organizada por Fabiane Secches e Socorro Acioli. Também foi convidada para a FLIP no mesmo ano. Obras: *Idílico* (2007); *Delicada uma de Nós* (2015); *Fadas e Copos no Canto da Casa* (2017); *Alice Bordô Maravilha* (2019); *Se Deus me Chamar Não Vou* (2019); *É Sempre a Hora da Nossa Morte Amém* (2021); *Não Fossem as Sílabas do Sábado* (2022); *A Árvore Mais Sozinha do Mundo* (2024); *Sabor Paciência* (2025).

cedores do Prêmio São Paulo de Literatura de 2023 e 2025. Graduiu-se em Direito pela Universidade de São Paulo em 2009. Desenvolve pesquisa no âmbito do Ensino Jurídico e trabalha como defensora pública. Desde a infância, demonstra interesse pela escrita. Durante a adolescência, teve contato com a obra de Lygia Fagundes Telles, considerada uma de suas principais influências literárias. Seu primeiro livro publicado foi o romance *Idílico* (2007), seguido por *Delicada uma de Nós* (2015), *Fadas e Copos no Canto da Casa* (2017), *Se Deus me Chamar Não Vou* (2019, finalista do Prêmio Jabuti em 2020), *É Sempre a Hora da Nossa Morte Amém* (2021) e pelo vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura de 2023, *Não Fossem as Sílabas do Sábado* (2022). Em 2024, publicou o romance *A Árvore Mais Sozinha do Mundo*, que recebeu o Prêmio São Paulo de Literatura de 2025, e participou com um conto da antologia *O Dia Escuro*, organizada por Fabiane Secches e Socorro Acioli. Também foi convidada para a FLIP no mesmo ano. Obras: *Idílico* (2007); *Delicada uma de Nós* (2015); *Fadas e Copos no Canto da Casa* (2017); *Alice Bordô Maravilha* (2019); *Se Deus me Chamar Não Vou* (2019); *É Sempre a Hora da Nossa Morte Amém* (2021); *Não Fossem as Sílabas do Sábado* (2022); *A Árvore Mais Sozinha do Mundo* (2024); *Sabor Paciência* (2025).

# Menino de Ubá

Por Beth Almeida

Com base na trajetória de Antonio Olinto (1919-2009), imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL), se ele estivesse vivo hoje, completaria 107 anos no dia 10 de maio.

Transcrevo artigo que fiz para a Associação Brasileira de Imprensa, dias depois de seu falecimento em 12 de setembro de 2009:

### Antonio Olinto: homem com coração de menino

Parafraseando Antonio Olinto: Falar de Antonio Olinto é fácil, falar de Antonio Olinto é difícil. Homem, menino, sábio, transparente, desconfiado, como bom mineiro. Foi o ser humano mais puro, no sentido literal da palavra.

Comecei a trabalhar com Zora e Antonio Olinto há mais de vinte anos. Ela ainda estava entre nós quando fizemos Bodas de Porcelana. Ela brincava e, ao mesmo tempo, me impunha a responsabilidade de continuar a sua missão de cuidar, de ser o cão de guarda do “Piau”, como ela carinhosamente chamava Olinto.

Quando perdemos Zora, fiz o seguinte desabafo no Jornal de Letras:

– Adeus, Zora. Eu era uma pedra bruta. Fui sendo lapidada pelo carinho, amor e ensinamentos dos dois.”

Zora, mulher guerreira, sabia dizer não com firmeza e estava sempre pronta para as batalhas que enfrentou, e foram muitas. Ainda jovem, militou em partidos políticos e, com o filho recém-nascido Roberto, de sua união com Rubem Braga, foi para a cadeia durante o regime militar. Foi salva pelo jurista e acadêmico Evandro Lins e Silva. Quando soube do falecimento do amigo devido a um tombo, chamou Antonio Olinto e disse:

– Viu? Evandro não tinha uma Beth ao lado dele.

Mulher sábia, quando sentiu que, devido à osteoporose, não poderia



mais acompanhar Antonio Olinto, avisou:

– Beth, não vou mais poder viajar com o Piau como fazíamos. Você agora é quem vai acompanhá-lo, cuidar dele.

Deu a ordem, mas supervisionava, passava instruções, cuidava de tudo na casa e em nossas vidas.

Ao lado de Antonio Olinto viajou o mundo, coletando dados, peças e histórias. Mulher vibrante, sua estada nas Embaixadas de Lagos e Londres guardou histórias. Sempre à frente de seu tempo, destoava da austeridade do Itamaraty, andando pelas ruas de Lagos e de cidades vizinhas conversando com os descendentes de brasileiros que haviam retornado para a África após a escravidão.

Ave Zora, Ave Aurora, o livro de poesia que Antonio Olinto escreveu de um só fôlego, depois de sua partida, nos leva a uma viagem no tempo. São trinta e quatro poemas contando o que viram, o que sentiram, enfim, tudo o que viveram ao longo de cinquenta anos de feliz união.

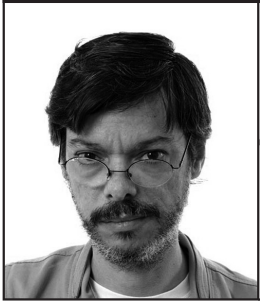
Em 2007, através de um projeto patrocinado pelo Sesc-RJ, conseguimos tornar o sonho de Antonio Olinto realidade, com a exposição de Arte africana, primeiro no Sesc do Flamengo, depois no Sesc Madureira.

Quando entramos na exposição, sentimos Zora em cada objeto. Tudo lembrava o apartamento de Copacabana, o cuidado com que ela catalogou mais de duzentas peças africanas, os tecidos tradicionais, livros, fotos tiradas em quase todo o mundo, a máquina de escrever de Antonio Olinto. Com que emoção vimos sua peça Exu, o cavaleiro da encruzilhada, ser lida, quase dramatizada por jovens atores, que conseguiram passar para a plateia a mensagem da mulher pioneira, que, já em 1990, vislumbrava a violência e a decadência humana do século XXI.

Eu não entendia muito bem quando as pessoas diziam que eu era uma privilegiada. Agora, com o passar dos anos, e na minha condição de avó, sei o que é.

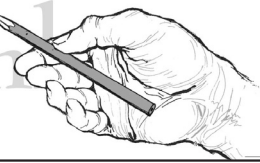
Quando conheci Zora e Antonio Olinto, minha filha Tatiana tinha cerca de sete anos. O casal levou a menina ao mundo maravilhoso dos livros. Com o nascimento da Lyah, minha neta, Antonio Olinto olha para a poltrona em que Tatiana ficava por horas lendo ou atenta a tudo o que o avô emprestado dizia e fazia.

– Vejo aquela menina sentada. Ela agora já é mãe, e eu bisavó –, comenta Olinto, com seu sorriso de menino. Adeus meu menino, adeus.



Por Zé Roberto

# arte Desenharte



zerobertograuna@gmail.com

## ADOLAR, MANÉ E JOÃO



Adolar.

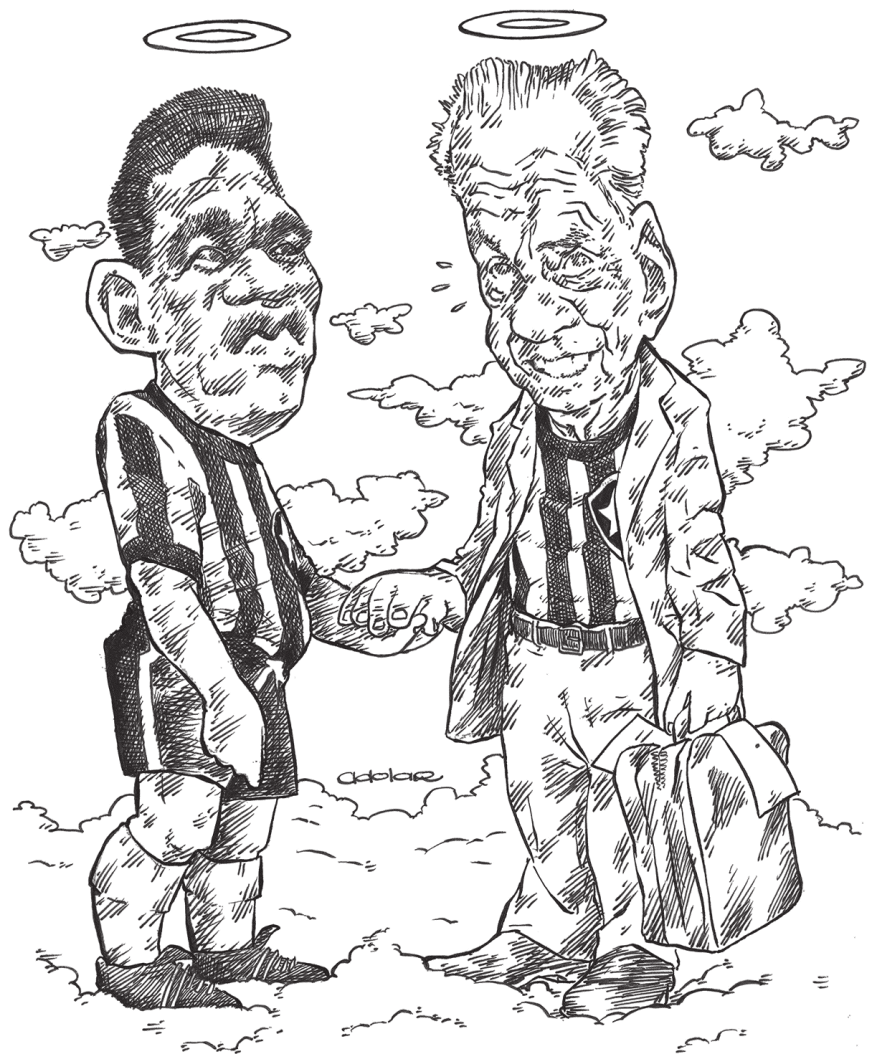
Em julho de 1990, quando atuava como artista gráfico no Sindicato dos Petroleiros – entidade que por alguns anos foi comandada pelo intrépido Ronaldo Cabral Magalhães, o “Ronaldo Petroleiro” – eu estava nas oficinas gráficas do jornal *Tribuna da Imprensa* para acompanhar a impressão de um dos tabloides da entidade. Na época, muito antes da tecnologia digital, os jornais eram montados artesanalmente em papel, depois eram gravados em fotolitos para a produção das chapas de zinco e posterior impressão nas máquinas rotativas. Nós deixávamos as artes das páginas com os funcionários da gráfica e ficávamos aguardando a finalização dos fotolitos para aprovação final e posterior impressão. Isso levava cerca de quarenta minutos, e como não havia muita coisa para fazer do lado de fora do jornal, que ficava na Rua do Lavradio, no Centro do Rio, resolvi percorrer a redação para ver se esbarrava com alguém conhecido para jogar conversa fora. Não encontrei ninguém do meu círculo de amizades, mas acabei descobrindo um rapaz numa mesa cheia de desenhos. Me aproximei e o jovem apresentou-se como Adolar, e estava atuando como caricaturista no jornal dirigido por Hélio Fernandes. Conversamos por uns 30 minutos, tempo suficiente para perceber que o desenhista tinha talento de sobra para a arte da caricatura. Depois de me mostrar um monte de ótimos desenhos e explicar que gostava de usar caneta hidrocor, nos despedimos e, antes de me retirar, o cartunista sacou de uma pasta uma interessante caricatura onde se vê Mané Garrincha recebendo no céu o cronista João Saldanha, que havia falecido dias antes, e presenteou-me com o lindo desenho, arte que foi publicado na capa do jornal *Tribuna da Imprensa*

no dia 13 de julho daquele ano, um dia após a morte do “João sem medo”. Feliz da vida com o valioso presente, voltei para as oficinas da gráfica para concluir minhas obrigações.

Formado pela Faculdade de Comunicação Social e Jornalismo, da Universidade Gama Filho, Adolar de Paula Mendes Filho chegou a jogar futebol, em 1977, nas divisões de base do Vasco da Gama, seu time do coração, mas ele era mesmo um craque do lápis e desenhava uma bela trajetória como caricaturista. Começou profissionalmente, em 1988, quando publicou ótimas caricaturas de jogadores de futebol e outras personalidades do esporte na capa do *Jornal dos Sports*; mais adiante passou, como vimos acima, pela *Tribuna da Imprensa*, mas logo transferiu-se, em 1991, para o jornal *O Dia*; dois anos depois foi o vencedor do concurso para revelação de novos talentos, tradicionalmente realizado pelo jornal *Folha de S. Paulo*, passando a atuar com sucesso em São Paulo. Aliás, em Campinas, existe um famoso restaurante especializado em culinária italiana, o Lellis Trattoria, que mantém há anos uma rica coleção de caricaturas de celebridades decorando o ambiente, entre as quais, alguns ídolos do futebol, são mais de 500 caricaturas criadas pelo Adolar. Um recorde absoluto. Infelizmente, o talentoso artista faleceu prematuramente em 2021, aos 59 anos, após lutar arduamente contra um câncer. Deixou esposa, Sr<sup>a</sup> Ivaldete Luna e três filhos.

Para apreciação do talento do genial Adolar, exibimos a estupenda arte com Garrincha e João Saldanha que circulou com destaque na primeira página da *Tribuna da Imprensa*.

Saúde a Arte!



Garrincha e João Saldanha por Adolar.

# Os gramáticos nas ruas do Rio de Janeiro

Por Ricardo Cavaliere\*

O Rio de Janeiro é reconhecido, entre outros atributos, por seu acolhimento afetivo, um lugar que recebe com braços abertos os que aqui resolvem viver. Eis por que, a par dos denominados cariocas da gema (cariocas filhos de cariocas) e dos simplesmente cariocas, há uma legião de cariocas adotados, possivelmente os mais legítimos, já que neles a carioquice não resultou de mero acaso geográfico, mas de efetiva escolha pessoal. Esse traço de acolhimento amoroso é tão expressivo que, pasmem, chega a homenagear os gramáticos com a atribuição de seu nome a logradouros públicos, sem discriminar os cariocas da gema dos cariocas adotados. Na verdade, até mesmo alguns filólogos que sequer pisaram este solo abençoado por São Sebastião gozam do privilégio de ter seu nome perpetuado em nossas vias públicas.

Esse é um fato deveras surpreendente se considerarmos que o gramático, no imaginário social, não é, por assim dizer, alguém digno de louvores. Com efeito, em nossa mente predomina a figura do gramático caturra, um indivíduo ranzinza, de mal com a vida, que resolve curar o próprio despeito infernizando a vida do cidadão com regrinhas impertinentes e pronto para apontar-nos um solecismo com o dedo em riste. Conforme certa vez disse Luís Fernando Veríssimo, “a gramática precisa apanhar todos os dias para saber quem é que manda”, por sinal um vaticínio que se realiza diuturnamente nos tempos hodiernos. Pois bem, como disse, até mesmo esses tipos rejeitados residem no coração do Rio de Janeiro, a julgar pelo número de ruas e até mesmo de um bairro que projetam seu nome.

Decerto que, se o assunto é homenagem, os gramáticos não são páreo para os políticos, campeões de elogios fervorosos, sequer dos marqueses, barões e viscondes, legado de um espírito monárquico que se enraizou no Rio de Janeiro a ponto de batizar até escolas de samba e blocos de Carnaval. Por sinal, quem circula pelo Rio respira ares monárquicos desde a zona norte, em que se situa a longa e imponente Rua Conde de Bonfim, até a zona sul, com a majestosa Avenida Princesa Isabel. E, se for para o subúrbio, encontrará o Engenho da Rainha, bem ao lado de Marechal Hermes e de Deodoro: uma proximidade que só a geografia pacificadora do Rio poderia permitir. Verdade que o elogio à República motivou-nos a rebatizar como Avenida Marechal Floriano a antiga Rua Larga e a atribuir à monumental via que liga o centro à Praça da Bandeira como Avenida Presidente Vargas, ambas conveniente e afetuosamente situadas no coração da cidade. Fato é que, entre a monarquia e a república, entre políticos e artistas, cientistas e religiosos, surpreendentemente figuram aqui e ali homenagens aos gramáticos e filólogos, conforme se observa no bairro de Anchieta, embora não se duvide de que a motivação mais se tenha devido a sua relevância como um dos fundadores da cidade, ou por sua atividade como catequista e missionário, do que propriamente por sua obra gramatical. Por sinal, a relevância do jesuíta destaca-se até numericamente, visto que é o único entre os gramáticos que além de ser nome de bairro, também é nome de duas ruas: uma que, a rigor, não passa de uma ruela maltratada e esquecida pela prefeitura no bairro de Paciência e outra no elegante bairro do Leme, fazendo esquina como a Avenida Atlântica, o que em certa medida simboliza o coração aberto do Apóstolo do Brasil para ricos e pobres.

Diga-se, de passagem, que a presença do gramático na geografia carioca está predominantemente situada no subúrbio, alguns em bairros mais prestigiados da zona norte, mas raros são os que mereceram homenagem nos metros quadrados mais caros da cidade. Entre esses, destaca-se Carlos Góis, que, não obstante tenha nascido no Rio, cumpriu carreira como promotor de justiça e professor de português na cidade de Muzambinho, vindo a transferir-se mais tarde para Belo Horizonte. Gois, que chegou à presidência da Academia Mineira de Letras, detém o privilégio único entre os gramáticos de ter sido citado por Carlos Drummond de Andrade em um de seus poemas memoriais, intitulado *Aula de Português*: “Professor Carlos Góis, ele é quem sabe/e vai desmatando o Amazonas de minha ignorância. / Figuras de gramática, esquipáticas, / atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.”

Ao lado de Carlos Góis, o também carioca Alfredo Gomes mereceu o privilégio de perpetuar-se na zona sul, isso apesar das sérias provações por que passou como diretor da Escola Normal em face do excessivo rigor com que tratava as jovens normalistas. Mas os abaixo-assinados que clamavam por sua exoneração do educandário não conseguiram ofuscar seu prestígio, tanto que, afinal, seu nome figura em uma arborizada e simpática rua de Botafogo, decerto um bairro menos prestigiado do que o Leblon nas calculadoras dos corretores de imóveis. Com efeito, Botafogo não tem o charme sofisticado do Leblon, mas, dirão seus habitantes, traz a pujança de um bairro em que a vida fervilha na frenética e harmônica junção de lojas comerciais com prédios residenciais, tudo ao alcance de alguns passos nas calçadas de pedras portuguesas. Ademais, praia por praia, a de Botafogo está na história mais remota do Rio, desde os tempos do capitão-mor João Pereira de Sousa Botafogo, ao passo que a do Leblon carrega o nome de um francês, Charles Le Blon, cujo maior mérito foi o de plantar cana-de-açúcar na região, nada mais ordinário em se tratando de Brasil. E, como se não bastasse, o Botafogo de Alfredo Gomes acolhe um clube de futebol e regatas que ostenta hoje os dois títulos mais prestigiados da América, campeão brasileiro e campeão sul-americano, ao passo que o Leblon... bem, lá ainda se veem

redes de frescobol frequentadas por idosos que jogam no time do *stent* contra o time da ponte de safena.

Se “atravessarmos o túnel”, conforme dizem os naturais da terra para referir-se à passagem da zona sul para a zona norte – uma referência afetiva ao extensíssimo Túnel Rebouças, que liga a Lagoa ao Rio Comprido – logo veremos uma humilde Rua Quintino do Vale, que, não obstante se situe efetivamente nesse outrora elegantíssimo bairro, é estranhamente deslocada para o Estácio, segundo o CEP dos Correios. Mais uma prova de desprestígio do Rio Comprido, que nos idos do século XIX era reduto de chácaras suntuosas e residências de gente abastada, conforme comprovam as dezoito referências que a ele dedicou Machado de Assis em sua obra. Talvez tenha sido a personalidade introvertida do velho Quintino do Vale, que mais se notabilizou como professor do que como filólogo, que o tenha desterrado do antigo bairro sofisticado para o popular Estácio, berço do samba nas camadas populares.

Avançando para a Tijuca, expressão alta da zona norte, lá encontraremos a Rua Mário Barreto, uma via pequena em forma de L, e a Rua Carlos de Laet, a rigor uma ruela sem saída em que casas antigas e bem conservadas alinham-se com prédios da segunda metade do século passado. Barreto foi efetivamente filólogo respeitável, não obstante seu amor à sintaxe lusitana lhe conferisse certo grau de intransigência com os denominados brasileirismos linguísticos, ao passo que Laet, jornalista e professor de língua portuguesa do Colégio Pedro II, mais se notabilizou pelos pitacos filológicos de excessivo teor purista. Fundador da cadeira nº 32 da Academia Brasileira de Letras, onde chegou à presidência em 1919, Laet morreu inconformado com o golpe que instalou a República e difundiu no Brasil os princípios positivistas. Católico fervoroso, costumava destilar o sarcasmo na defesa de suas ideias. Diz a lenda que, ao defender o criacionismo em uma aula do Colégio Pedro II, foi questionado por um aluno: “Mas, professor, meu pai diz que nós descendemos do macaco.” Respondeu Laet: “Não me interessam questões particulares de sua família.”

Interessante notar que, se Mário Barreto mereceu uma rua na nobre Tijuca, seu pai, Fausto Barreto foi brindado com uma pacata rua residencial na modesta área da Triagem, um setor de Benfica, onde ainda hoje resistem as casas de dois pavimentos construídas nas décadas de 1930 e 1940. Curiosamente, Fausto Barreto e Carlos de Laet são coautores da prestigiada *Antologia Nacional*, texto cuja primeira edição em 1895 trouxe em suas primeiras páginas uma renovada proposta de ensino do português na nova ordem republicana.

Uma incursão mais aguda para o subúrbio nos levará ao Lins de Vasconcelos, bairro vizinho ao elegante bairro do Méier. No Lins situa-se a rua Antenor Nascentes, que à semelhança da Carlos de Laet, é uma via sem saída, um átomo de identidade geográfica entre essas personalidades tão distintas da filologia brasileira. Diferentemente de Laet, Nascentes viu sucumbir seu propósito de eleger-se para a Academia Brasileira de Letras (ABL) ao ser derrotado por Adonias Filho em 1965, não obstante tenha recebido o Prêmio Francisco Alves em 1933 e o Prêmio Machado de Assis em 1962. Também no outrora elegante bairro do Lins situa-se a rua Heráclito Graça, filólogo cearense que mais se notabilizou como político de carreira e, diferentemente de seu companheiro de bairro, efetivamente eleger-se para a ABL em 1906.

Se avançarmos mais um pouco para o subúrbio carioca, encontraremos pelo ramal da Leopoldina a Rua Inácio Felizardo Fortes no bairro de Ramos, a Rua Júlio Ribeiro em Bonsucesso e a Rua Amadeu Amaral em Parada de Lucas. Mais uma vez comprova-se o coração aberto do carioca aos gramáticos de outras plagas, já que Júlio Ribeiro, nascido em Minas Gerais, e Amadeu Amaral, natural de São Paulo, sequer mencionam a Cidade Maravilhosa em sua obra, ao passo que Felizardo Fortes poucas vezes ausentou-se de sua Cabo frio, onde atuou como padre secular na primeira metade do século XIX.

Já pelo ramal da Central do Brasil poderemos chegar à Rua Maximino Maciel em Quintino e à Rua Professor Hemetério José dos Santos no distante bairro de Inhoaíba, um distrito de Campo Grande. Se a homenagem a Maciel se fez em bairro equivocado, já que o gramático, médico e advogado sergipano era bem mais conhecido no bairro de Engenho de Dentro, a lembrança ao nome do maranhense Hemetério estaria decerto bem mais localizada em rua próxima ao Colégio Militar do Rio de Janeiro, instituição onde trabalhou como primeiro professor negro da histórica instituição. Infelizmente, como se não bastassem as vicissitudes que enfrentou devido ao preconceito racial, Hemetério vê-se agora em um lugar tão inexpressivo que sequer figura nos aplicativos de GPS ou no Google Maps.

Por fim, vale lembrar que esta história de homenagear as pessoas como nomes de logradouros públicos nem sempre é bem-sucedida. Informa-nos Ruy Castro, em um de seus textos sobre Tom Jobim, que o maestro não aprovava esta ideia e, muito provavelmente, teria dispensado a láurea de ser nome de aeroporto, até porque lhe causaria certo desconforto virar pista de pousos e decolagens. Ainda segundo Ruy, ao saber que a Rua Montenegro passaria a ser Rua Vinicius de Moraes, Tom observou: “agora os carros vão passar por cima do Vinicius e os cachorros vão fazer xixi nele.”<sup>1</sup> Com efeito, às vezes a homenagem vira pelo avesso e o que era para ser motivo de gáudio torna-se puro constrangimento. Imagino como se sentiria o gramático maranhense Francisco Sotero dos Reis, patrono da cadeira 17 de sócios correspondentes da ABL, exemplo perfeito e acabado de probidade moral, além de católico fervoroso, ao saber que a rua com seu nome, situada na Praça da Bandeira, passaria a acolher a partir de 1996 as meninas da Vila Mimosas devido ao projeto de reurbanização da Cidade Nova. Hoje, quem quiser conhecer a rua nada nela verá que sugira uma gramática, mas, afinal, nem só de gramáticas é feita a vida.

\*Ricardo Cavaliere é membro da Academia Brasileira de Letras.

1. Veja em Castro, Ruy. *O Ouvidor do Brasil: 99 Vezes Tom Jobim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

# Inauguração da Sede Executiva Professor Arnaldo Niskier no CIEE-Rio marca o novo ciclo de crescimento da instituição

Manoela Ferrari



O Superintendente geral do CIEE Rio, Luiz Coppola, e a presidente do CIEE, Andréia Ghelman, mostram a placa inaugural da nova sede executiva, batizada "Professor Arnaldo Niskier", para o homenageado e a esposa, Ruth Niskier.

A inauguração da sede executiva professor Arnaldo Niskier marcou um momento histórico para o Centro de Integração Empresa-Escola no Rio de Janeiro (CIEE-Rio). Instalada no prédio da Academia Brasileira de Letras, no Centro da cidade, a nova estrutura foi oficialmente apresentada no último dia 15 de abril, reunindo o superintendente executivo do CIEE-Rio, Luiz Coppola, a presidente do Conselho de Administração, Andréia Niskier Ghelman, toda a diretoria, entre outras autoridades.

A homenagem reconhece a trajetória do acadêmico Arnaldo Niskier não apenas como um dos principais intelectuais da educação brasileira, mas também como liderança diretamente ligada à história da instituição. Ao longo dos anos, ele esteve à frente do CIEE-Rio como presidente (2008-2022) e, atualmente, ocupa o cargo de presidente emérito do Conselho de Administração, exercendo papel decisivo na consolidação e expansão das atividades da entidade no estado. Dar seu nome à nova sede executiva reforça esse vínculo histórico e institucional, associando o futuro da organização a uma trajetória marcada pelo compromisso com a educação, a formação de jovens e o desenvolvimento do país.



O professor Arnaldo Niskier, presidente emérito do CIEE-Rio, agradeceu a homenagem, muito aplaudido no Teatro Raymundo Magalhães Jr., na ABL.



O Superintendente Geral do CIEE Rio, Luiz Coppola, e a presidente do CIEE, Andréia Ghelman, com o palestrante Leandro Karnal.

A cerimônia de inauguração contou com autoridades, lideranças empresariais e representantes do setor educacional. A programação incluiu uma palestra do historiador Leandro Karnal, que abordou o tema "Inteligência Artificial, futuro do trabalho e inclusão: como preparar pessoas e organizações para o mundo em transformação", refletindo sobre os desafios contemporâneos e a necessidade de adaptação diante das mudanças no mundo do trabalho. O evento foi encerrado com um coquetel comemorativo, celebrando o novo momento da instituição.



A nova sede executiva teve o auditório batizado com o nome do professor Paulo Pimenta, ex-superintendente do CIEE-Rio (2008-2023), na foto com a atual diretoria da instituição.

A mudança para o novo endereço ocorre em um contexto de crescimento das operações do CIEE no Rio de Janeiro, o que motivou a centralização de áreas administrativas antes distribuídas em diferentes unidades. Com cerca de 1.500 metros quadrados, a nova sede foi concebida para ampliar a eficiência operacional e fortalecer a articulação com empresas, instituições de ensino e parceiros.

Com 61 anos de atuação no estado, o CIEE-Rio consolidou-se como um dos principais agentes de integração entre jovens e o mercado de trabalho, com impacto direto na formação profissional e na promoção da empregabilidade.

A nova sede executiva simboliza esse avanço e posiciona a instituição para um novo ciclo de crescimento, com foco na ampliação de oportunidades, inovação e fortalecimento de parcerias, reafirmando seu papel na preparação de jovens para os desafios do presente e do futuro.



Funcionários do CIEE-Rio comemoram a inauguração da Sede Executiva Professor Arnaldo Niskier.

Em todos os momentos da sua vida,  
**o comércio de bens,  
 serviços e turismo está lá.**

#emtodososmomentos



A vida é feita de emoção. De sonhos e conquistas.  
 De planejamento e realização. E em todos os momentos, pode olhar:  
 O comércio de bens, serviços e turismo está sempre ao seu lado.  
 Trabalhamos para que esses setores sejam fortes e gerem emprego e renda.  
 Mas, principalmente, que eles façam a sua vida muito especial.

**CNC. Em todos os  
 momentos da sua vida.**

# A Rota Bioceânica: Cartografia de um Pertencimento

Por Pedro Machado Mastrobuono\*

## A travessia que reescreve o continente

*A crise da América Latina é, antes de tudo, a crise de sua integração.*

Darcy Ribeiro

*A pátria é a humanidade.*

José Martí

*Somos feitos de histórias e de caminhos.*

Eduardo Galeano

A Rota Bioceânica se apresenta ao país como um corredor físico que atravessa quatro nações, mas sua verdadeira natureza não se sustenta apenas no concreto das pontes, na geometria das estradas ou na engenharia das travessias. Ela pertence a uma outra ordem de realidade, uma ordem que sempre acompanhei nos estudos de cultura, patrimônio e identidade, e que Darcy Ribeiro soube enunciar com a precisão de quem compreendia a vocação profunda do nosso continente. O que está em curso não é simplesmente um projeto logístico que encurta distâncias entre o Atlântico e o Pacífico. O que se ergue diante de nós é uma infraestrutura simbólica, capaz de reorganizar imaginários, de refundar sentidos de pertencimento e de deslocar o eixo da nacionalidade brasileira para o seu verdadeiro horizonte continental.

A América do Sul sempre foi um território de fronteiras desconfiadas, linhas traçadas sobre mapas europeus, feridas abertas que tentaram separar povos que já eram unidos por bacias hidrográficas, por culturas originárias, por fronteiras porosas, por longas rotas invisíveis de circulação humana que remontam ao Peabiru. A Rota Bioceânica surge como gesto de sutura. Ela recompõe o que a modernidade fragmentou, devolvendo ao continente a possibilidade de reconhecer em si mesmo um destino comum. A integração que Darcy imaginou como chamado histórico dos povos mestiços materializa-se agora na forma de rodovias, pontes e portos, mas a sua profundidade ultrapassa qualquer cálculo de quilômetros ou de economias de frete. O que se inaugura é uma narrativa de travessia.

A travessia é o grande arquétipo da América Latina. Viemos de deslocamentos forçados, de diásporas indígenas e africanas, de migrações europeias atravessadas por guerras, de famílias que buscaram refúgio, de povos que aprenderam a fazer do movimento uma forma de sobrevivência e de criação. A Rota Bioceânica, ao conectar o Brasil ao Pacífico, aos portos chilenos e à vasta Ásia, reinscreve essa vocação profunda da América do Sul de ser sempre território de encontros improváveis. Trata-se de um gesto civilizatório que restitui ao continente sua capacidade ancestral de gerar sínteses culturais, de produzir novas linguagens, de reinventar patrimônios.

Essa obra permite enxergar algo ainda mais decisivo: o patrimônio imaterial dos povos, muitas vezes invisível aos olhos do Estado nacional, ganhará circulação e força. As culinárias guarani, o pescado pantaneiro, a chipa paraguaia, a mandioca como eixo civilizatório da América tropical, as empanadas, os rituais de pesca, as oralidades que atravessam as margens do Paraguai e do Pilcomayo, as músicas que intercambiam ritmos do chaco e do pantanal, tudo isso passa a circular com maior intensidade. A mobilidade cria visibilidade. A visibilidade cria salvaguarda. A salvaguarda, por sua vez, cria futuro. Ao acelerar fluxos, a Rota atua como um grande museu vivo, um espaço de documentação contínua de identidades que antes permaneciam confinadas em geografias isoladas. As fronteiras deixam de ser paredes e se tornam janelas.

Esse movimento reorganiza o próprio mapa afetivo do Brasil. Cidades antes consideradas periféricas, como Porto Murinho, Carmelo Peralta, Loma Plata e Iquique, transformam-se em centros de gravidade cultural, social e econômica. O centro do país desloca-se para onde antes chamávamos de margem. A democratização das oportunidades

deixa de ser promessa abstrata para se tornar realidade tangível. Jovens do interior passam a conviver com fluxos internacionais, arranjos produtivos de fronteira se fortalecem, universidades e centros culturais criam redes de cooperação inéditas. A Rota Bioceânica não é apenas um vetor econômico, mas um redistribuidor de destinos.

Em termos geopolíticos, essa obra rompe com a dependência histórica do Brasil aos portos atlânticos e abre o país para uma perspectiva estratégica de dupla costa. Ao se conectar ao Pacífico, o Brasil ingressa de maneira mais plena no tabuleiro da integração sul-sul e na rota de mercados asiáticos que remodelam o século XXI. Esta é a primeira infraestrutura verdadeiramente pan-amazônica e pan-platina deste século, porque articula bacias, biomas, povos e economias em torno de uma inteligência continental que o Brasil ainda não havia experimentado com tal profundidade. O continente, tantas vezes pensado a partir de suas desarticulações, encontra agora uma linha de coerência.

Mas há algo ainda mais sutil e talvez mais decisivo, que não cabe nos relatórios de impacto, tampouco nas planilhas de investimentos. A Rota Bioceânica produz uma experiência espiritual do território. Ela devolve ao sul-americano a percepção de que pertencemos uns aos outros, que nossas histórias são continuidades e não fragmentos, que nossas culturas são irmãs e não rivais, que nossas identidades se completam em sinfonia e não em disputa. Esta obra nos permite sentir fisicamente aquilo que José Martí enunciou como destino humano, aquilo que Darcy Ribeiro compreendeu como vocação civilizatória e aquilo que Galeano intuiu como a verdade profunda dos caminhos que nos fazem ser quem somos.

Esse é o ponto em que a atuação institucional do Memorial da América Latina ganha densidade. O Memorial nasceu como espaço simbólico precursor da integração. Ele foi a forma arquitetônica do sonho de Darcy, o lugar onde a utopia se ergue em gesto. Ao longo dos últimos anos, fortalecemos essa vocação e a transformamos em política pública. Agora, diante da Rota Bioceânica, o Memorial se prepara para dar um passo além. Nossa futura Faculdade Memorial, integrada à Cátedra Unesco, emerge como plataforma continental de pesquisa sobre integração, patrimônio, fronteiras e identidade. Trata-se de um gesto único no país, porque oferece ao Brasil um centro intelectual capaz de ler a Rota não apenas como projeto logístico, mas como fenômeno cultural amplo, complexo e profundo.

Queremos, também, propor a criação de um Observatório Cultural da Rota Bioceânica, vinculado ao Memorial e à Cátedra, capaz de monitorar transformações linguísticas, práticas culturais, fluxos patrimoniais, impactos simbólicos e rearranjos identitários emergentes. Esse observatório, que já começa a ser desenhado, permitirá ao Brasil compreender a dimensão menos evidente, mas mais duradoura, desta obra: sua capacidade de reconfigurar afetos, deslocar visões de mundo, gerar pertencimento e constituir uma nova cartografia de sentidos para o continente.

O Pantanal, com sua natureza de encruzilhada continental, assume papel central nesse processo. Ali, onde as águas se encontram, as culturas se entrelaçam e os biomas se tocam, se desenha um laboratório vivo de brasilidade profunda. É desse território, tão simbólico e tão vulnerável, que emergirá uma nova inteligência continental, capaz de unir as tradições guarani, pantaneiras, bolivianas, paraguaias e chilenas numa rede de convivência que transcende fronteiras políticas. A fronteira, tantas vezes compreendida como local de ausência, mostra-se agora como espaço de potência, criação e síntese.

A Rota Bioceânica, portanto, é mais que um caminho. É uma narrativa de pertencimento continental que finalmente ganha corpo. É a obra que faz com que o sul-americano deixe de existir apenas como abstração e passe a existir como experiência concreta. É a confirmação de que a utopia é um método. É o reencontro de um destino que estava latente. É a travessia que faltava para que o Brasil reconhecesse que sua identidade não é apenas nacional, mas profundamente continental.

Se os séculos anteriores nos legaram um continente dividido, o século XXI oferece, pela primeira vez, a possibilidade de um continente que se reconhece. A Rota Bioceânica não inaugura apenas um caminho. Ela inaugura um tempo.

\*Pedro Machado Mastrobuono é presidente da Fundação Memorial da América Latina, pós-doutor em Antropologia Social; agraciado pelo Senado Federal com a Comenda Câmara Cascudo por sua trajetória na defesa do patrimônio cultural brasileiro (pedro.mastrobuono@memorial.org.br).

# Educar, uma experiência de amar

Por Gabriel Chalita\*

Há belezas que não invento. Existiram antes de mim e prosseguirão a existir até não sei quando, até porque “quando” é uma conjunção temporal e eu sou, apenas, um ser em um tempo.

Quando nasci, cachoeiras imensas jorravam a energia das águas em lugares que, algumas vezes, visitei. Outros nem sei, sei que existem. E são belos.

Quando nasci, Beethoven já havia composto a nona sinfonia e Villa Lobos as Bachianas Brasileiras número 5. Michelângelo já havia emprestado beleza à dor em sua Pietà e Tarsila do Amaral feito nascer o Abaporu.

Quando nasci, Victor Hugo já havia escrito sobre a compaixão em *Os Miseráveis* e Lygia Fagundes Telles publicado *As Meninas*.

Quando nasci, já havia o pôr do sol do Arpoador, no Rio de Janeiro, e os pássaros já cantavam vida na Floresta Amazônica.

Quando nasci, a natureza já era natureza e a humanidade já buscava a sua historicidade. Quantos movimentos generosos de humanos aprendendo a ser humanos para viverem o belo que não inventamos, que experimentamos.

Como sei o que sei, mesmo sabendo que nada sei, como diria um belo pensador de Atenas, que já era belo antes de eu nascer, belo de alma, Sócrates. Só sei o que sei porque vivo as experiências do amor, porque vivo as experiências do amar.

Desde os calores da minha infância, Tateando movimentos aos saberes nas tantas salas de aula que frequentei na vida e as tantas vidas que me ensinaram aulas de vida quando cruzaram comigo.

A experiência do amor, do amar é a mais elevada experiência humana. Sentimos isso quando nos apaixonamos, quando renunciamos parte de nós para partir a um caminho acompanhado. Nos esquecemos de querer nos mesmos, nos enfrentamos para vencer os nossos egoísmos e não perdermos quem nos acende uma vontade de viver, até então, desconhecida.

O amor é uma experiência sensual, de encontros de corpos e é, também, uma experiência de transcendência. De elevação. De mistério.

Educar é uma experiência de amar. É apresentar belezas que não inventamos para compreendermos a alegria do existir. É instigar a nossa força de amar, na fascinante aventura de encontrar no outro, também, beleza. A beleza que mora na busca da excelência e que mora na consciência das nossas precariedades, imperfeições.

Em tantas salas de professores que frequentei e que frequento, ouço dizeres de quem já compreendeu e de quem ainda não compreendeu o ser educador. Os cansaços fazem parte do ofício e trazem um olhar cotidiano ao que enfrentamos. Alunos nem sempre ávidos de conhecimento, comportamentos por vezes inadequados, burocracias das instituições que nos subtraem tempos preciosos, problemas outros do belo e do complexo da singularidade humana. Podemos reagir dizendo, objetivamente, do que passamos ou do objetivo do que queremos passar, da nossa profissão.

Um professor em uma sala de aula pode ser um instigador de belezas potentes que nos habitam e que nos fazem sinais de valores para um mundo que precisa aprender a contemplar belezas. As que vieram antes e as que podemos inventar.

Quando entro em uma sala de aula e tenho um conteúdo a compartilhar, busco forças e criatividade para que o assunto seja provocador do crescimento humano, do pensar cuidadoso sobre o que estamos fazendo aqui. Perguntas e perguntas para cuidarmos do conhecer para nos cuidarmos.

De que valeria o conhecimento se não fosse para cuidarmos uns dos outros?

Quando nasci, já havia professores professando a crença na humanidade. Quis me fazer irmão deles. E, por isso, professo, também. Desde as primeiras vezes que entrei em uma sala de aula com os medos dos inícios até hoje, até sempre. Eu sempre pergunto a mim mesmo “o que posso fazer de melhor”? Olho para eles e olho para mim e fecho os olhos olhando para a beleza que há no alto e que ilumina o belo dos encontros do existir e faço uma oração de amor “que eu semeie neles uma vontade de viver e que dessa vontade eles sonhem sonhos bons e que sonhando se sintam belos”.

Que eles também se sintam um ser em um tempo. Em um tempo curto do existir, antes de eu nascer, Francisco de Assis, Luther King e a Santa Dulce dos Pobres eternizaram no viver a beleza de ter um sonho. Nasceram eles sonhando ou encontraram educadores pela vida?

Há belezas que não invento, apenas agradeço por existir. Há outras que dependem de mim. Da minha inspiração e ação para embelezar o mundo, enquanto eu estiver por aqui...

## Toda teoria tem um Lado PRÁTICO. ESTÁGIO

o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

**FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !**

INFORMAÇÕES:  
Disque Estudante  
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site [www.ciee.org.br](http://www.ciee.org.br)





Neste livro, a filósofa burquinense Sobonfu Somé compartilha a sabedoria ancestral do povo Dagara, da África Ocidental, e revela que a conquista da intimidade não é uma busca privada por felicidade, mas uma prática vinculada ao bem comum, sustentada pela comunidade, pelos rituais e pela ancestralidade. Assim, mostra que amar o outro é um ato de pertencimento, cuja força está na vulnerabilidade, no cuidado e na interdependência.

saiba mais



edições  
**Sesc**

  /edicoessescsp

[sescsp.org.br/edicoes](https://sescsp.org.br/edicoes)

